

correspondem, aprovados pelas Conferências Episcopais para os seus territórios e confirmados pela Sé Apostólica[155].

**398.** A norma estabelecida pelo II Concílio do Vaticano, segundo a qual as inovações na reforma litúrgica só se devem fazer se o exigir uma verdadeira e certa utilidade da Igreja, e procurando que as novas formas como que cresçam organicamente das que já existem[156], também deve aplicar-se à inculturação do Rito Romano[157]. Além disso a inculturação precisa de bastante tempo, para não contaminar repentina e incautamente a autêntica tradição litúrgica.

Por fim, a procura da inculturação não pretende de modo algum a criação de novas famílias rituais, mas sim responder às exigências de determinada cultura, de tal modo, porém, que as adaptações introduzidas, quer no Missal quer nos outros livros litúrgicos, não sejam prejudiciais à índole própria do Rito Romano[158].

**399.** Deste modo o Missal Romano, apesar da diversidade de lugares e duma certa variedade de costumes[159], deve conservar-se no futuro como instrumento e sinal admirável da integridade e da unidade do rito Romano[160].



## INSTRUÇÃO GERAL DO MISSAL ROMANO

[ Sumário ]

### PROÉMIO

**Testemunho de fé inalterável**  
**Uma tradição ininterrupta**  
**Adaptação às novas circunstâncias**

### CAPÍTULO I

#### IMPORTÂNCIA E DIGNIDADE DA CELEBRAÇÃO EUCARÍSTICA

### CAPÍTULO II

#### ESTRUTURA DA MISSA, SEUS ELEMENTOS E SUAS PARTES

##### I. Estrutura geral da Missa

##### II. Os diversos elementos da Missa

**Leitura da palavra de Deus e sua explanação**

**Orações e outros elementos que pertencem ao sacerdote**

**Outras fórmulas utilizadas na celebração**

**Modos de proferir os vários textos**

**Importância do canto**

**Os gestos e atitudes corporais**

**O silêncio**

##### III. As várias partes da Missa

###### A) Ritos iniciais

**Entrada**

**Saudação do altar e da assembléia**

**Ato penitencial**

**Kýrie, eleison**

**Glória in excelsis**

**Oração colecta**

###### B) Liturgia da palavra

**Salmo responsorial**

**Aclamação antes da leitura do Evangelho**

- Homilia
- Profissão de fé
- Oração universal
- C) Liturgia eucarística
  - Preparação dos dons
  - Oração sobre as oblatas
  - Oração Eucarística
  - Rito da Comunhão
  - Oração dominical
  - Rito da paz
  - Comunhão
- D) Rito de conclusão

### CAPÍTULO III

#### OFÍCIOS E MINISTÉRIOS NA MISSA

- I. **Ofícios da Ordem sacra**
- II. **Funções do povo de Deus**
- III. **Ministérios especiais**
  - Ministérios instituídos do acólito e do leitor
  - As outras funções
- IV. **A distribuição das funções e a preparação da celebração**

### CAPÍTULO IV

#### AS DIVERSAS FORMAS DE CELEBRAÇÃO DA MISSA

- I. **Missa com o povo**
  - Coisas a preparar
  - A) **A Missa sem diácono**
    - Ritos iniciais
    - Liturgia da palavra
    - Liturgia eucarística
    - Ritos de conclusão
  - B) **A Missa com Diácono**
    - Ritos iniciais
    - Liturgia da palavra

mais recentemente<sup>[151]</sup>. Observem-se atentamente as normas dadas pela Instrução «A Liturgia romana e a inculturação»

Quanto ao modo de agir neste assunto, proceda-se da seguinte maneira:

Em primeiro lugar, exponha-se à Sé a proposta pormenorizada prévia; concedidas as devidas adaptações, proceda-se à elaboração de cada adaptação.

Uma vez aprovadas estas propostas pela Santa Sé, depois de cabo as experimentações pelo tempo e nos lugares estabelecidos, caso, terminado o tempo de experimentação, a Conferência Episcopal determinará a prossecução das adaptações e submeterá à Santa Apostólica a formulação amadurecida do assunto<sup>[153]</sup>.

**396.** Antes, porém, de se chegar às novas adaptações, e às mais profundas, há-de cuidar-se com diligência da preparação ordenada da devida instrução do clero e fiéis, hão-de pôr em uso as faculdades já previstas e aplicar-se-ão plenamente as normas correspondentes ao espírito da celebração.

**397.** Observe-se também o princípio segundo o qual o particular deve estar de acordo com a Igreja universal, não só na fé e nos sinais sacramentais, mas também nos usos e costumes recebidos de uma ininterrupta tradição apostólica, a qual o particular não só para evitar os erros, mas também para transmitir a fé, porque a “norma da oração” (lex orandi) da Igreja coincide com a “norma da fé” (lex credendi)<sup>[154]</sup>.

O Rito Romano constitui uma parte notável do tesouro litúrgico e do património da Igreja católica, e os seus usos concorrem para o bem de toda a Igreja, pelo que perdê-la seria muito gravemente.

Esse Rito, no decurso dos séculos, não só preservou os ritos litúrgicos oriundos da cidade de Roma, mas também incorporou, de modo profundo, orgânico e harmónico, outros elementos de costumes e do engenho de diversos povos e de várias Igrejas, tanto do Ocidente como do Oriente, adquirindo, assim, um carácter supra-regional. No nosso tempo, a identidade e a expressão do Rito encontra-se nas edições típicas dos livros litúrgicos, sob a autoridade dos Sumos Pontífices e nos livros litúrgicos

necessidade de alguma catequese acerca do sentido bíblico e cristão de certas palavras e expressões.

Muito convém, que nas regiões onde se utiliza a mesma língua, haja, na medida do possível, a mesma versão para os textos litúrgicos, principalmente para os textos bíblicos e para o Ordinário da Missa[146].

**393.** Tendo em conta o lugar importante do canto na celebração, como parte necessária ou integrante da liturgia[147], pertence às Conferências Episcopais aprovar melodias apropriadas, sobretudo para os textos do Ordinário da Missa, para as respostas e aclamações do povo e para os ritos especiais que ocorrem durante o ano litúrgico.

Pertence-lhes igualmente pronunciar-se sobre quais as formas de música, melodias e instrumentos musicais que é lícito admitir no culto divino, desde que se adaptem ou possam adaptar ao uso sagrado.

**394.** É conveniente que cada diocese tenha o seu calendário e o seu próprio das Missas[148]. A Conferência Episcopal, por seu lado, organize o calendário próprio da nação ou, juntamente com outras Conferências, o calendário de uma região mais alargada, a aprovar pela Sé Apostólica.

Na elaboração deste trabalho há-de conservar-se e defender-se o mais possível o domingo, como principal dia de festa, que não deve ser sacrificado a outras celebrações que não sejam de máxima importância[149]. Procurem também que o ano litúrgico, reformado por decreto do II Concílio do Vaticano, não seja obscurecido por elementos secundários.

Ao preparar o calendário da nação, indiquem-se os dias das Rogações e das Quatro Têmporas, assim como o modo de as celebrar e os textos[150], tendo em vista outras determinações específicas.

É conveniente que, ao editar o Missal, sejam inseridas no respectivo lugar do calendário geral as celebrações próprias de toda a nação ou duma região mais alargada; as celebrações da região ou da diocese devem vir em apêndice particular.

**395.** Por fim, se a participação dos fiéis e o seu bem espiritual exigirem adaptações e diversidades mais profundas, para que a celebração sagrada corresponda à índole e às tradições dos diversos povos, as Conferências Episcopais, de acordo com o art. 40 da Constituição sobre a sagrada Liturgia, poderão propô-las à Sé Apostólica, e introduzi-las com o seu consentimento, sobretudo naqueles povos onde o Evangelho foi anunciado

Liturgia eucarística  
Ritos de conclusão  
**C) Funções do Acólito**  
Liturgia eucarística  
**D) Funções do Leitor**  
Ritos iniciais  
Liturgia da palavra

**II. Missa concelebrada**

Ritos iniciais

Liturgia eucarística

Modo de proferir a Oração eucarística

**A) Oração eucarística I, ou Cânone Romano**

**B) Oração eucarística II**

**C) Oração eucarística III**

**D) Oração eucarística IV**

Ritos da Comunhão

**III. Missa com a assistência de um só ministro**

Ritos iniciais

Liturgia da palavra

Liturgia Eucarística

Ritos de conclusão

**IV. Algumas normas gerais para todas as formas de Missa**

Veneração do altar e do Evangeliário

Incensação

Comunhão sob as duas espécies

**CAPÍTULO V**

**DISPOSIÇÃO E ADORNO DAS IGREJAS PARA A CELEBRAÇÃO DA EUCARISTIA**

**I. Princípios gerais**

**II. Disposição do presbitério para a celebração litúrgica**

A cadeira para o sacerdote celebrante e outros sacerdotes

**III. A disposição da igreja**

O lugar dos fiéis  
O lugar da schola cantorum e dos instrumentos musicais  
As imagens sagradas

#### CAPÍTULO VI

#### AS COISAS NECESSÁRIAS PARA A CELEBRAÇÃO DA MISSA

- I. O pão e o vinho para celebrar a Eucaristia
- II. Alfaias sagradas em geral
- III. Os vasos sagrados
- IV. As vestes sagradas
- V. Outras alfaias destinadas ao uso da Igreja

#### CAPÍTULO VII

#### A ESCOLHA DA MISSA E DAS SUAS PARTES

- I. A escolha da Missa
- II. A escolha das partes da Missa

#### CAPÍTULO VIII

#### MISSAS E ORAÇÕES PARA DIVERSAS CIRCUNSTÂNCIAS E MISSAS DE DEFUNTOS

- I. Missas e orações para diversas circunstâncias
- II. Missas de defuntos

#### CAPÍTULO IX

#### ADAPTAÇÕES QUE COMPETEM AOS BISPOS E ÀS SUAS CONFERÊNCIAS

#### INSTRUÇÃO GERAL DO MISSAL ROMANO

#### PROÉMIO

– os textos dos cânticos de entrada, do ofertório  
(cf. acima, nn. 48, 74, 87);

– as leituras da Sagrada Escritura a utilizar  
particulares (cf. acima, n. 362);

– a forma de dar a paz (cf. acima, n. 82);

– o modo de receber a sagrada Comunhão (cf.  
161, 284);

– o material do altar e das alfaias sagradas, pr  
vasos sagrados, e também o material, a forma e a cor das  
(cf. acima, nn. 301, 329, 332, 342, 345-346, 349).

Poderão ser introduzidos no Missal Rom  
conveniente, os Directórios ou as Orientações pa  
Conferências Episcopais julgarem úteis, previamente con  
Apostólica.

**391.** Às mesmas Conferências compete prestar aten  
traduções dos textos bíblicos utilizados na celebração  
efeito, é à Sagrada Escritura que se vão buscar as le  
explicar na homilia e os salmos para cantar, e foi da  
impulso que nasceram as preces, as orações e os hinc  
tiram a sua capacidade de significação as acções e os sin

Utilize-se uma linguagem que possa ser entend  
adaptada à proclamação pública, tendo-se, porém, em  
diversos os modos de falar utilizados nos livros bíblicos.

**392.** Compete igualmente às Conferências Episcop  
grande cuidado as traduções dos outros textos, para  
também a índole de cada língua, se ofereça plena e fielm  
primitivo texto latino. Na realização deste trabalho, convén  
diversos géneros literários que se utilizam na Missa, ta  
presidenciais, antífonas, aclamações, respostas, súplicas

Tenha-se bem presente que a versão dos textos  
em primeiro lugar à meditação, mas antes à proclamação  
acto da celebração.

Utilize-se uma linguagem adaptada aos fiéis da  
dotada de nobre qualidade literária, na certeza de que sen

preocupação de que todos os fiéis, na celebração eucarística, possam chegar àquela plena, consciente e activa participação, que a própria natureza da Liturgia exige e que é, para os próprios fiéis, por força da sua condição, um direito e um dever<sup>[143]</sup>.

Para que a celebração corresponda mais plenamente às normas e ao espírito da sagrada Liturgia, nesta Instrução e no Ordinário da Missa propõem-se algumas ulteriores acomodações e adaptações, que são da competência ou do Bispo diocesano ou das Conferências Episcopais.

**387.** O Bispo diocesano, que deve ser considerado como o sumo sacerdote do seu rebanho e de quem depende e deriva, de algum modo, a vida dos seus fiéis em Cristo<sup>[144]</sup>, deve promover, dirigir e velar pela vida litúrgica na sua diocese. A ele se confia, nesta Instrução, o encargo de moderar a disciplina da concelebração (cf. n. 202), de estabelecer normas sobre a função de servir o sacerdote ao altar (cf. n. 107), sobre a distribuição da sagrada Comunhão sob as duas espécies (cf. 283), e sobre a construção e ordenamento dos edifícios da igreja (cf. nn. 291, 315). Mas aquilo que em primeiro lugar deve ter em vista é alimentar o espírito da sagrada Liturgia nos sacerdotes, diáconos e fiéis.

**388.** As adaptações de que se fala em seguida, e que requerem maior coordenação, devem ser determinadas, segundo as normas do direito, pela Conferência Episcopal.

**389.** Compete às Conferências Episcopais, em primeiro lugar, preparar e aprovar, nas línguas vernáculas autorizadas, a edição deste Missal Romano, para que, confirmada pela Sé Apostólica, seja utilizada nas regiões a que se destina.

O Missal Romano deve ser editado integralmente, quer no texto latino quer nas traduções vernáculas legitimamente aprovadas.

**390.** Pertence às Conferências Episcopais definir as adaptações que se indicam nesta Instrução geral e no Ordinário da Missa e que, depois de confirmadas pela Sé Apostólica, não-de ser introduzidas no próprio Missal, tais como:

- os gestos e as atitudes corporais dos fiéis (cf. acima, nn. 25, 43).
- o gesto de veneração do altar e do Evangelário (cf. acima, n. 273);

**1.** Quando Cristo Senhor estava para celebrar com os seus discípulos a páscoa pascal, na qual instituiu o sacrifício do seu Corpo e do seu Sangue, preparou para a celebração uma grande sala mobiliada (Lc 22, 12). A Igreja, que esta ordem lhe dizia respeito e, por isso, foi estabelecida para a celebração da santíssima Eucaristia, no qual se trata das disposições da alma, aos lugares, aos ritos, aos textos e normas, promulgadas por vontade expressa do II Concílio Vaticano II, o novo Missal que, de futuro, vai ser usado no rito romano para a Missa, constituem mais uma prova desta solicitude da Igreja e do seu amor inalterado para com o sublime mistério eucarístico, tradição contínua e coerente, não obstante a introdução de algumas inovações.

#### **Testemunho de fé inalterável**

**2.** A natureza sacrificial da Missa, solenemente afirmada no Concílio de Trento<sup>[1]</sup>, de acordo com toda a tradição da Igreja, foi reiterada e formulada pelo II Concílio do Vaticano, quando, a respeito do sacrifício, preferiu estas significativas palavras: “O nosso Salvador, Jesus Cristo, instituiu o sacrifício eucarístico do seu Corpo e Sangue, com o qual perpetuar através dos séculos, até à sua vinda, o sacrifício da sua morte, e de modo, confiar à Igreja, sua amada Esposa, o memorial da sua Ressurreição” <sup>[2]</sup>.

Esta doutrina do Concílio, encontramos-a enunciada, de modo constante, nos próprios textos da Missa, já no antigo Sacramentário, vulgarmente chamado Leoni, e de modo inequívoco nesta frase: “todas as vezes que se celebra o memorial deste sacrifício, realiza-se a obra da nossa salvação”. Aparece-nos desenvolvido com toda a clareza e propriedade nos textos Eucarísticos. Com efeito, no momento em que o sacerdote, na anamnese, dirigindo-se a Deus, em nome de todo o povo, oferece-Lhe o sacrifício vivo e santo, isto é, a oblação da Igreja e a Vítima, por cuja imolação quis o mesmo Deus salvar o mundo, pede que o Corpo e Sangue de Cristo sejam sacrifício a Deus Pai e salvação para todo o mundo<sup>[5]</sup>.

Deste modo, no novo Missal, a norma da oração (*lex orandi*) da Igreja está em consonância perfeita com a perene norma de fé (*lex credendi*). Esta ensina-nos que, excepto o modo de oferecer, que é diverso, existe perfeita identidade entre o sacrifício da cruz e a sua renovação sacramental na Missa por Cristo Senhor instituída na última Ceia, ao mandar aos Apóstolos que a celebrassem em memória d'Ele. Consequentemente, a Missa é ao mesmo tempo sacrifício de louvor, de acção de graças, de propiciação e de satisfação.

**3.** O mistério admirável da presença real do Senhor sob as espécies eucarísticas, reafirmado pelo II Concílio do Vaticano<sup>[6]</sup> e outros documentos do Magistério da Igreja<sup>[7]</sup>, no mesmo sentido e com a mesma doutrina com que o Concílio de Trento o tinha proposto à nossa fé<sup>[8]</sup>, é também claramente expresso na celebração da Missa, não só pelas próprias palavras da consagração, em virtude das quais Cristo se torna presente por transubstanciação, mas também pela forma como, ao longo de toda a liturgia eucarística, se exprimem os sentimentos de suma reverência e adoração. É este o motivo que leva o povo cristão a prestar culto peculiar de adoração a tão admirável Sacramento, na Quinta-Feira da Ceia do Senhor e na solenidade do Santíssimo Corpo e Sangue de Cristo.

**4.** Quanto à natureza do sacerdócio ministerial próprio do presbítero, que em nome de Cristo oferece o sacrifício e preside à assembleia do povo santo, ela é posta claramente em relevo pela própria estrutura dos ritos, lugar de preeminência e função mesma do sacerdote. Os atributos desta função ministerial são enunciados explícita e desenvolvidamente no prefácio da Missa crismal, em Quinta-Feira da Semana Santa, precisamente no dia em que se comemora a instituição do sacerdócio. Nesta acção de graças é claramente afirmada a transmissão do poder sacerdotal mediante a imposição das mãos; e é descrito este poder, enumerando as suas diversas funções, como continuação do poder do próprio Cristo, Sumo Pontífice da Nova Aliança.

**5.** Mas esta natureza do sacerdócio ministerial vem também colocar na sua verdadeira luz outra realidade de suma importância, que é o sacerdócio real dos fiéis, cujo sacrifício espiritual é consumado pelo ministério dos sacerdotes em união com o sacrifício de Cristo, único Mediador<sup>[9]</sup>. Com efeito, a celebração da Eucaristia é acção de toda a Igreja; nesta acção, cada um intervém fazendo só e tudo o que lhe

As outras Missas de defuntos, isto é, as Missas podem celebrar-se nos dias feriais do Tempo Comum em memória facultativa ou se diz o Ofício da féria, com efectivamente aplicadas pelos defuntos.

**382.** Na Missa exequial deve fazer-se normalmente um excluindo, porém, qualquer género de elogio fúnebre.

**383.** Exortem-se os fiéis, particularmente os parentes, participarem também pela Comunhão no sacrifício eucarístico pelo defunto.

**384.** Quando a Missa exequial se liga directamente a funerais, dita a oração depois da Comunhão e omitido o rito segue-se o rito da última encomendação ou da despedida, se no lugar se está presente o cadáver.

**385.** No ordenamento e na escolha das partes variáveis para os defuntos (p. ex., orações, leituras, oração universal), sobretudo na Missa exequial, deve atender-se obviamente às razões de ordem pastoral, em consideração a pessoa do defunto, a sua família e as condições presentes. Os pastores de almas tenham especialmente em conta as pessoas que por ocasião dos funerais assistem às celebrações: ouvem o Evangelho, mas ou não são católicos, ou são católicos, ou quase nunca tomam parte na celebração da Eucaristia, ou não têm perdido a fé. Lembrem-se os sacerdotes que são chamados a proclamar o Evangelho de Cristo para todos.



## CAPÍTULO IX

### ADAPTAÇÕES QUE COMPETEM AOS BISPOS E ÀS SUAS CONFERÊNCIAS

**386.** A reforma do Missal Romano, levada a efeito em 1969, segundo as normas dos decretos do II Concílio do Vaticano II,



Maria, excepto a Missa da sua Imaculada Conceição, porque as suas celebrações estão ligadas ao decorrer do ano litúrgico.

**376.** Nos dias em que ocorre uma memória obrigatória ou uma féria do Advento até 16 de Dezembro, do Tempo do Natal de 2 de Janeiro em diante, ou do Tempo Pascal depois da Oitava da Páscoa, são proibidas as Missas para diversas necessidades e as Missas votivas. No entanto, se uma verdadeira necessidade ou a utilidade pastoral o exige, na celebração com o povo, a juízo do reitor da igreja ou até do sacerdote celebrante, pode usar-se a Missa correspondente a essa necessidade ou utilidade pastoral.

**377.** Nos dias feriais do Tempo Comum em que ocorre uma memória facultativa ou se diz o Ofício da féria, é permitido celebrar qualquer Missa ou utilizar qualquer oração para diversas circunstâncias, exceptuando as Missas rituais.

**378.** Recomenda-se de modo particular a memória de Santa Maria no sábado, porque, na Liturgia da Igreja, em primeiro lugar e acima de todos os Santos, veneramos a Mãe do Redentor<sup>[141]</sup>.

## II. Missas de defuntos

**379.** A Igreja oferece pelos defuntos o sacrifício eucarístico da Páscoa de Cristo, a fim de que, pela mútua comunhão entre todos os membros do Corpo de Cristo, se alcance para uns o auxílio espiritual e para outros consolação e esperança.

**380.** Entre as Missas de defuntos está em primeiro lugar a Missa exequial, que pode celebrar-se todos os dias, excepto nas solenidades de preceito, na Quinta-Feira da Semana Santa, no Tríduo Pascal e nos domingos do Advento, Quaresma e Tempo Pascal, observando, além disso, o que deve ser observado segundo as normas do direito<sup>[142]</sup>.

**381.** A Missa de defuntos «depois de recebida a notícia da morte» de uma pessoa, ou no dia da sepultura definitiva ou no primeiro aniversário, pode celebrar-se também nos dias dentro da Oitava do Natal, nos dias em que ocorre uma memória obrigatória ou uma féria, que não seja Quarta-Feira de Cinzas nem Semana Santa.

competete, conforme a sua posição dentro do povo precisamente isto o que levou a prestar maior atenção a da celebração litúrgica insuficientemente valorizados séculos. Este povo é o povo de Deus, adquirido pelo S congregado pelo Senhor, alimentado com a sua palavra para fazer subir até Deus as preces de toda a família hu em Cristo dá graças pelo mistério da salvação, oferecendo povo, finalmente, que, pela comunhão do Corpo e Sang consolida na unidade. E este povo, embora seja santo pel continuamente crescendo em santidade, através consciente, activa e frutuosa no mistério eucarístico<sup>[10]</sup>.

### **Uma tradição ininterrupta**

**6.** Ao enunciar os princípios que deveriam presidir à *Missae*, o II Concílio do Vaticano, servindo-se dos mesmos por S. Pio V na Bula *Quo primum*, que promulgava o Missal de 1570, determina, entre outras coisas, que certos ritos se “em conformidade com a antiga norma dos Santos Padres concordância de termos, pode já verificar-se como, não o de quatro séculos que medeia entre eles, ambos os Missais seguem a mesma tradição. E, se examinarmos atentamente os mais profundos desta tradição, veremos também como muito feliz, o segundo Missal vem aperfeiçoar o primeiro.

**7.** Numa época particularmente difícil como aquela em perigo a fé católica sobre o carácter sacrificial do sacerdócio ministerial, sobre a presença real e permanente das espécies eucarísticas, o que mais preocupava S. Pio V uma tradição, algo recente, é certo, mas injustamente conseqüentemente, introduzir o mínimo de alterações no Missal. De facto, este Missal de 1570 pouco difere do primeiro impresso o qual, por sua vez, reproduz fielmente o Missal do tempo de S. Pio V. Além disso, se bem que os códices da Biblioteca Vaticana a corrigir algumas expressões, não permitiram, n

investigação dos “antigos e mais fidedignos autores” ir além dos comentários litúrgicos da Idade Média.

**8.** Pelo contrário, hoje em dia, aquela “norma dos Santos Padres”, que os correctores do Missal de S. Pio V se propunham seguir, encontra-se enriquecida com numerosos estudos de eruditos. Com efeito, após a primeira edição do chamado Sacramentário Gregoriano, publicado em 1571, os antigos Sacramentários Romanos e Ambrosianos, bem como os antigos livros litúrgicos Hispânicos e Galicanos, têm sido objecto de várias edições críticas, que deram a conhecer numerosíssimas orações de grande valor espiritual, até então desconhecidas.

Além disso, após a descoberta de numerosos documentos litúrgicos, também se conhecem melhor as tradições dos primeiros séculos, anteriores à formação dos ritos do Oriente e do Ocidente.

Há ainda a acrescentar o progresso dos estudos patrísticos, que veio projectar nova luz sobre a teologia do mistério eucarístico, ilustrando-a com a doutrina dos mais eminentes Padres da antiguidade cristã, tais como S. Ireneu, S. Ambrósio, S. Cirilo de Jerusalém, S. João Crisóstomo.

**9.** Por isso, a “norma dos Santos Padres” não reclama somente a conservação daquelas tradições que nos legaram os nossos antepassados imediatos; exige também que se abranja e examine mais profundamente todo o passado da Igreja e todos esses diversos modos pelos quais se exprimiu a única e mesma fé, através das mais variadas formas de cultura e civilização, como as que correspondem às regiões semitas, gregas e latinas. Esta mais ampla perspectiva permite-nos descobrir como o Espírito Santo inspira ao povo de Deus uma admirável fidelidade na guarda imutável do depósito da fé, por mais variadas que se apresentem as formas da oração e dos ritos sagrados.

#### **Adaptação às novas circunstâncias**

**10.** O novo Missal, se por um lado testemunha a norma da oração (*lex orandi*) da Igreja Romana e salvaguarda o depósito da fé tal como nos

Missal apresenta formulários de Missas e de orações utilizados nas diversas circunstâncias da vida cristã, pelo mundo inteiro ou pelas necessidades da Igreja universal.

**369.** Tendo em conta a ampla faculdade de escolher orações, convém que as Missas para diversas circunstâncias usadas com moderação, isto é, quando o exigem razões de conveniência pastoral.

**370.** Em todas as Missas para diversas circunstâncias, expressas em contrário, podem usar-se as leituras dos respectivos cânticos intercalares, contanto que sejam de celebração.

**371.** Nestas Missas incluem-se as Missas rituais para diversas necessidades, para diversas circunstâncias e votivas.

**372.** As Missas rituais, estão ligadas à celebração dos Sacramentos ou Sacramentais. São proibidas nos domingos da Quaresma e da Páscoa, nas solenidades, na oitava da Comemoração de Todos os Fiéis Defuntos, e nos dias feriais da Feira de Cinzas e da Semana Santa, devendo ainda ter-se em conta as normas indicadas nos livros rituais e nas Missas respectivas.

**373.** As Missas para várias necessidades, usam-se em casos, quer ocasionalmente, quer em tempos fixos. De e autoridade competente escolher Missas apropriadas às necessidades. Conferência Episcopal tiver estabelecido para o decurso do ano.

**374.** No caso de uma necessidade particularmente grave pastoral pode celebrar-se uma Missa apropriada, por licença do Bispo diocesano, em qualquer dia, excepto nos domingos do Advento, Quaresma e Páscoa, nos dias feriais da Páscoa, na Comemoração de Todos os Fiéis Defuntos de Cinzas e nos dias feriais da Semana Santa.

**375.** As Missas votivas dos mistérios do Senhor ou da Virgem Maria ou dos Anjos ou de algum Santo ou Santos, podem celebrar-se, para satisfazer à piedade dos fiéis feriais do Tempo Comum, mesmos quando ocorrem facultativa. Mas não podem celebrar-se, como votivas, a referem aos mistérios da vida do Senhor ou da bem-aventurança.



*Reconduzi a Vós, Pai de misericórdia todos os vossos filhos dispersos (Omnesque filios tuos ubique dispersos, tibi, clemens Pater, miseratus coniunge).*

d) A Oração eucarística IV tem Prefácio invariável e apresenta uma síntese mais completa da história da salvação. Pode usar-se sempre que a Missa não tem Prefácio próprio e nos domingos comuns. Dada a estrutura desta Oração, não pode inserir-se nela uma fórmula especial por um defunto.

### **Os Cânticos**

**366.** Não é permitido substituir os cânticos do Ordinário da Missa, por exemplo, o *Cordeiro de Deus* (Agnus Dei), por outros cânticos.

**367.** Na escolha dos cânticos entre as leituras, bem como dos cânticos de entrada, do ofertório e da Comunhão, devem seguir-se as normas estabelecidas no capítulo que a eles se refere (cf. nn. 40-41, 47-48, 61-64, 74, 87-88).



## **CAPÍTULO VIII**

### **MISSAS E ORAÇÕES PARA DIVERSAS CIRCUNSTÂNCIAS E MISSAS DE DEFUNTOS**

#### **I. Missas e orações para diversas circunstâncias**

**368.** Porque a liturgia dos Sacramentos e dos Sacramentais oferece aos fiéis devidamente dispostos a possibilidade de santificar quase todos os acontecimentos da vida por meio da graça que brota do mistério pascal<sup>[140]</sup>, e porque a Eucaristia é o Sacramento dos Sacramentos, o

foi transmitido pelos Concílios mais recentes, por outro lado, também um passo de grande importância na tradição litúrgica.

Embora os Padres do II Concílio do Vaticano tenham afirmado as afirmações dogmáticas do Concílio de Trento, falavam numa época da vida do mundo muito distante daquela, e não podiam apresentar, no campo pastoral, resoluções e orientações que fossem quatro séculos atrás.

**11.** O Concílio de Trento já tinha reconhecido o caráter catequético que encerra a celebração da Missa; não estava em condições de poder extrair daí todas as consequências. Muitos solicitavam que fosse autorizado o uso da língua vernácula na celebração do sacrifício eucarístico. Atentas, porém, às dificuldades particulares de então, face a um pedido desta natureza, o Concílio entendeu que devia reafirmar a doutrina tradicional da Igreja, segundo a qual o sacrifício eucarístico é, antes e acima de tudo, uma participação em Cristo e, portanto, a eficácia que lhe é própria não pode ser realizada de modo como nele participam os fiéis. E assim, de modo fiel e adequado, exprimiu-se nestes termos: “Embora a Missa contenha um caráter doutrinário para o povo fiel, todavia os Padres não julgaram oportuno que fosse habitualmente celebrada em língua vulgar”.<sup>[12]</sup> E sustentasse “ser de rejeitar o uso da Igreja Romana, de abandonar a baixa o Cântico com as palavras da consagração; ou que se celebrasse a Missa somente em língua vulgar”.<sup>[13]</sup> No entanto, se o Concílio proibia o uso da língua vernácula na Missa, por omissão dos pastores de almas a obrigação de suprir esta deficiência com uma catequese adequada: “Para que as ovelhas de Cristo não se desorientem, ordena o sagrado Sínodo aos pastores e a todos os que têm a tarefa de que, no decurso da celebração da Missa, façam com frequência, por outrem, uma explicação dos textos lidos na Missa, e, em tais coisas, exponham algum mistério deste santíssimo Sacramento, especialmente aos domingos e dias festivos”.<sup>[14]</sup>

**12.** Reunido o II Concílio do Vaticano, precisamente para adaptar a Igreja às exigências do seu múnus apostólico, nos dias, prestou fundamental atenção, como já o fizera o primeiro Concílio, à didática e pastoral da sagrada Liturgia<sup>[15]</sup>. E porque não só os católicos, negava a legitimidade e eficácia do rito sagrado.

latim, o Concílio não teve dificuldade em admitir que “não raro pode ser de grande utilidade para o povo o uso da língua vernácula na Liturgia” e autorizou o seu uso[16]. O entusiasmo com que por toda a parte foi recebida esta decisão conciliar teve como resultado que, sob a égide dos Bispos e da própria Sé Apostólica, se passou a autorizar a língua vulgar em todas as celebrações litúrgicas com participação do povo, a fim de permitir uma compreensão mais plena do mistério celebrado.

**13.** Dado que o uso da língua vernácula na Liturgia é um instrumento de grande importância para exprimir mais claramente a catequese do mistério contida na celebração, o II Concílio do Vaticano entendeu dever relembrar a necessidade de pôr em prática algumas prescrições do Concílio de Trento que não tinham sido respeitadas em toda a parte, como a obrigação da homilia aos domingos e dias festivos[17] e a possibilidade de inserir admoções dentro dos próprios ritos sagrados[18].

Mas, sobretudo, ao aconselhar “a participação mais perfeita na Missa, pela qual os fiéis, depois da comunhão do sacerdote, recebem do mesmo sacrifício o Corpo do Senhor”[19], o II Concílio do Vaticano exorta a pôr em prática outra recomendação dos Padres Tridentinos: que, para participarem mais plenamente na sagrada Eucaristia, “os fiéis presentes comunguem em cada Missa, não apenas pelo desejo espiritual, mas também pela recepção sacramental da Eucaristia”[20].

**14.** Este mesmo espírito e zelo pastoral levou o II Concílio do Vaticano a reexaminar as decisões do Concílio de Trento referentes à comunhão sob as duas espécies. Uma vez que, hoje em dia, ninguém põe em dúvida os princípios doutrinários relativos ao pleno valor da comunhão eucarística recebida apenas sob a espécie do pão, o Concílio autorizou para certos casos a comunhão sob as duas espécies, com a qual, graças a uma apresentação mais clara do sinal sacramental, se dá aos fiéis ocasião oportuna para compreender mais profundamente o mistério em que participam[21].

**15.** Assim a Igreja, mantendo-se fiel à sua missão de mestra da verdade, conservando o que é “antigo”, isto é, o depósito da tradição, cumpre também o dever de considerar e adoptar o que é “novo” (cf. Mt 13, 52).

Nos dias feriais do Tempo Comum podem-se dizer as orações do domingo anterior, mas as de qualquer outro do Tempo Comum, ou ainda uma das orações para várias necessidades do Missal. Também é permitido tomar destas Missas apenas uma.

Deste modo dispõe-se de uma maior riqueza de textos litúrgicos, pelos quais a oração dos fiéis se alimenta com mais abundância.

Para os tempos mais importantes do ano litúrgico, a oração já está feita, com as orações próprias desses tempos, com o Missal para cada dia da semana.

### **A Oração eucarística**

**364.** O grande número de Prefácios com que está enriquecido o Missal Romano tem como finalidade que os temas da acção de graças eucarística brilhem mais plenamente e pôr em relevo os vários aspectos do mistério da salvação.

**365.** Na escolha das Orações Eucarísticas, que são usadas no Ordinário da Missa, tenham-se em conta as seguintes normas:

a) A Oração eucarística I, ou Cânone Romano, é a mais usada sempre; mas é mais indicado nos dias que têm um *Comunhão* (ou comunhão com toda a Igreja) próprio, ou Missas com *Homilia* (ou benignamente, Senhor) próprio, bem como nas celebrações dos Santos mencionados nessa Oração; e ainda aos domingos, quando se quer que, por motivos de ordem pastoral, pareça preferida a Oração eucarística III.

b) A Oração eucarística II, pelas suas características, é mais indicada para os dias feriais ou em circunstâncias especiais. Se tenha Prefácio próprio, pode usar-se com outros Prefácios próprios, com aqueles que apresentam a história da salvação em forma de diálogo, ex., os Prefácios comuns. Se a Missa é celebrada por um defunto, inserir-se no lugar próprio, antes do *Lembra-Vos também os irmãos* (Memento etiam), a fórmula especial pelo defunto.

c) A Oração eucarística III pode dizer-se com qualquer Prefácio. Usa-se de preferência nos domingos e nas festas. Se não houver Missa própria, utiliza-se nas Missas de defuntos, pode usar-se a fórmula própria pelo defunto, inserindo-a na altura própria, isto é, a seguir ao *Lembra-Vos também os irmãos*.

Estes Leccionários foram compostos para que os fiéis, através da audição de uma leitura mais apropriada, compreendam melhor o mistério em que tomam parte e adquiram maior estima pela palavra de Deus.

Por isso, os textos a proferir na celebração devem ser escolhidos tendo em vista, por um lado, a utilidade pastoral, por outro, a liberdade de escolha para cada caso.

**360.** Apresenta-se por vezes uma forma mais longa e uma forma mais breve do mesmo texto. Na escolha entre estas duas formas deve ter-se presente o critério pastoral. Convém atender à capacidade dos fiéis em escutar com fruto o texto mais ou menos longo e à sua capacidade de ouvir o texto mais completo, a explicar pela homilia.

**361.** Quando se dá a faculdade de escolher entre um ou outro texto já determinado, ou proposto como facultativo, deverá atender-se à utilidade dos participantes, isto é, conforme se trate de usar o texto mais fácil ou mais conveniente à assembleia reunida, ou de repetir ou retomar um texto indicado como próprio para alguma celebração e para outra como facultativo, sempre que a utilidade pastoral o aconselhe.

Isso pode acontecer quando o mesmo texto se deve ler em dias muito próximos, por exemplo, no domingo na segunda-feira seguinte, ou quando se teme que algum texto origine certas dificuldades em alguma assembleia de fiéis cristãos. Procure-se, porém, ao escolher os textos da Sagrada Escritura, não excluir permanentemente algumas das suas partes.

**362.** Além da faculdade de escolher os textos mais adequados, de que se fala nos números anteriores, as Conferências Episcopais têm a faculdade de indicar, em circunstâncias especiais, certas adaptações que se podem fazer no que se refere às leituras, contanto que os textos escolhidos sejam do Leccionário devidamente aprovado.

#### **As orações**

**363.** Em todas as Missas, salvo indicação em contrário, dizem-se as orações que lhes são próprias.

Todavia, nas memórias dos Santos, diz-se a oração colecta própria ou, se ela não existe, a do respectivo Comum; as orações sobre as oblatas e depois da Comunhão, se não são próprias, podem tomar-se ou do Comum ou da féria do Tempo corrente.

Por isso, uma parte do novo Missal apresenta omissões mais directamente orientadas para as necessidades dos povos. Isto aplica-se de modo particular às Missas rituais em determinadas circunstâncias”, nas quais se encontram oportunamente a tradição e a inovação. Assim, enquanto se mantêm inalteradas as expressões herdadas da mais antiga tradição da Igreja, o próprio Missal nas suas múltiplas edições, muitas outras – adequadas às necessidades e circunstâncias actuais; outras ainda – herdadas da mais antiga tradição da Igreja, pelos leigos, pela santificação do trabalho, pela comunidade das nações, por algumas necessidades peculiares do tempo – tiveram de ser compostas integralmente, utilizando muitas vezes até as expressões, dos recentes documentos.

Ao utilizar os textos da mais antiga tradição, tendo em conta a situação do mundo contemporâneo, entendeu-se que se mantivessem certas frases ou expressões sem atentar em nada contra a tradição, tesouro, com o fim de adaptar melhor o seu estilo à linguagem hodierna e reflectir mais perfeitamente a presente disciplina. Por exemplo: algumas expressões relativas ao apreço e uso do tempo e outras que se referem a formas de penitência exterior por certos tempos.

Deste modo, as normas litúrgicas do Concílio de Vaticano II, em grande parte completadas e aperfeiçoadas pelas Conferências Episcopais do Vaticano, que pôde levar a termo os esforços no sentido de actualizar os textos dos fiéis da sagrada Liturgia, esforços estes desenvolvidos nos últimos quatro séculos, sobretudo nos tempos mais recentes, especialmente ao zelo litúrgico de S. Pio X e seus Sucessores.

## **CAPÍTULO I**

### **IMPORTÂNCIA E DIGNIDADE**

### **DA CELEBRAÇÃO EUCARÍSTICA**

**16.** A celebração da Missa, como acção de Cristo e do povo de Deus hierarquicamente ordenado, é o centro de toda a vida cristã, tanto para a Igreja, quer universal quer local, como para cada um dos fiéis[22]. Nela culmina toda a acção pela qual Deus, em Cristo, santifica o mundo, bem como todo o culto pelo qual os homens, por meio de Cristo, Filho de Deus, no Espírito Santo, prestam adoração ao Pai[23]. Nela se comemoram também, ao longo do ano, os mistérios da Redenção, de tal forma que eles se tornam, de algum modo, presentes[24]. Todas as outras acções sagradas e todas as obras da vida cristã com ela estão relacionadas, dela derivam e a ela se ordenam[25].

**17.** Por isso, é da máxima importância que a celebração da Missa ou Ceia do Senhor de tal modo se ordene que ministros sagrados e fiéis, participando nela cada qual segundo a sua condição, dela colham os mais abundantes frutos[26]. Foi para isso que Cristo instituiu o sacrifício eucarístico do seu Corpo e Sangue e o confiou à Igreja, sua amada esposa, como memorial da sua paixão e ressurreição[27].

**18.** Tal finalidade só pode ser atingida se, atentas a natureza e as circunstâncias peculiares de cada assembleia litúrgica, se ordenar toda a celebração de forma a conduzir os fiéis àquela participação consciente, activa e plena, de corpo e espírito, ardente de fé, esperança e caridade, que a Igreja deseja e a própria natureza da celebração reclama, e que, por força do Baptismo, constitui direito e dever do povo cristão[28].

**19.** Embora nem sempre se consiga uma presença e uma participação activa dos fiéis que manifestem com toda a clareza a natureza eclesial da celebração[29], a celebração eucarística tem sempre assegurada a sua eficácia e dignidade, por ser acção de Cristo e da Igreja, em que o sacerdote realiza a sua principal função e actua sempre para a salvação do povo.

Recomenda-se aos sacerdotes que, sempre que possível, celebrem o sacrifício eucarístico diariamente[30].

**356.** No que se refere à escolha das partes da Missa, quer do Temporal como do Santoral, observem-se as normas seguintes.

#### **As leituras**

**357.** Para os domingos e solenidades estão assinaladas as leituras, isto é, do Profeta, do Apóstolo e do Evangelho. Desta forma, o fiel é levado a conhecer a continuidade da obra da salvação, admirável pedagogia divina. Estas leituras devem sempre ser utilizadas.

Para as festas vão assinaladas duas leituras. Quando, segundo as normas, uma festa é elevada ao grau de solenidade, justifica-se a terceira leitura, que se vai buscar ao Comum.

Nas memórias dos Santos, lêem-se habitualmente duas leituras. Nas assinaladas para as férias, a não ser que tenham leituras próprias, os casos propõem-se leituras apropriadas, que salientam o aspecto particular da vida espiritual ou da acção do Santo. Não se devem esquecer destas leituras, a não ser que haja uma verdadeira razão para isso.

**358.** O Leccionário Ferial contém as leituras para cada dia ao longo de todo o ano. Em princípio, estas leituras devem sempre ser em que vêm indicadas, a não ser que ocorra uma solenidade ou uma memória com leituras apropriadas do Novo Testamento, em que se faça menção do Santo celebrado.

Quando, por motivo de alguma solenidade, festa ou dia especial, nalgum dia se interromper a leitura contínua, o sacerdote presente a ordem das leituras para o decurso da semana, e não as outras as que seriam omitidas ou escolher os textos que porem em relevo.

Nas Missas para grupos especiais, o sacerdote pode escolher os textos que melhor se adaptem a essa celebração particular, desde que sejam tomados de entre os que vêm no Leccionário aprovado.

**359.** No Leccionário para as Missas rituais, em que se celebram os Sacramentos ou Sacramentais, ou nas Missas que são celebradas para várias necessidades, fez-se uma selecção especial de textos da Escritura.

**355.** Nas memórias facultativas:

a) Nos dias feriais do Advento de 17 a 24 de Dezembro, na Oitava do Natal e nos dias feriais da Quaresma, exceptuando a Quarta-Feira de Cinzas e a Semana Santa, diz-se a Missa do dia litúrgico ocorrente; todavia, se nesses dias ocorre no calendário geral uma memória, pode tomar-se a oração colecta dessa memória, excepto na Quarta-Feira de Cinzas e Semana Santa. Nos dias feriais do Tempo Pascal podem celebrar-se integralmente as memórias dos Santos.

b) Nos dias feriais do Advento antes do dia 17 de Dezembro, nos dias feriais do Natal, do dia 2 de Janeiro em diante, e nos dias feriais do Tempo Pascal, pode escolher-se ou a Missa da féria ou a Missa do Santo ou de um dos Santos de que se faz memória, ou ainda a Missa de um Santo mencionado nesse dia no Martirológio.

c) Nos dias feriais do Tempo Comum, pode escolher-se ou a Missa da féria, ou a Missa de uma memória facultativa ocorrente, ou a Missa de um Santo mencionado nesse dia no Martirológio, ou ainda uma das Missas para várias necessidades ou uma Missa votiva.

Sempre que celebre a Missa com participação do povo, o sacerdote procurará não deixar frequentemente e sem motivo suficiente as leituras indicadas para cada dia no Leccionário Ferial: a vontade da Igreja é apresentar aos fiéis, mais abundantemente, a mesa da palavra de Deus<sup>[139]</sup>.

Pela mesma razão, deve ser moderado no uso das Missas de defuntos, tanto mais que toda e qualquer Missa é oferecida pelos vivos e pelos defuntos, e em todas as Orações Eucarísticas se faz memória dos defuntos.

Quando ocorre uma memória facultativa da bem-aventurada Virgem Maria ou dum Santo, particularmente venerada pelos fiéis, satisfaça-se a legítima piedade dos fiéis.

Quando há possibilidade de escolha entre uma memória do calendário geral e outra do calendário diocesano ou religioso, em igualdade de circunstâncias, de acordo com a tradição deve dar-se preferência à memória do calendário particular.

## II. A escolha das partes da Missa

**20.** A celebração eucarística, como toda a Liturgia, repleta de sinais sensíveis, pelos quais se alimenta, fortalece e santifica. Para isso, deve haver o máximo cuidado em escolher e ordenar os elementos propostos pela Igreja que, atendendo às condições das pessoas e lugares, mais intensamente favoreçam a participação plena e mais eficazmente contribuam para o bem espiritual da comunidade.

**21.** O objectivo desta Instrução é traçar as linhas gerais para regular toda a celebração eucarística e expor as normas a serem obedecidas em cada uma das formas de celebração<sup>[32]</sup>.

**22.** A celebração da Eucaristia é da maior importância para a Igreja particular.

O bispo diocesano, como primeiro dispensador da graça de Deus na Igreja particular que lhe está confiada, é o modelo e o guardião de toda a vida litúrgica<sup>[33]</sup>. Nas celebrações presididas, principalmente na celebração eucarística com o presbitério, dos diáconos e do povo, manifesta-se o mistério da celebração da missa deve, pois, ser exemplar para toda a comunidade.

Por isso, ele deve procurar que os presbíteros, sacerdotes e leigos compreendam sempre profundamente o genuíno sentido dos textos litúrgicos, e desse modo sejam levados à celebração frutuosa da Eucaristia. Neste mesmo sentido deve procurar a dignidade das mesmas celebrações, para a promoção da beleza que contribui a beleza dos lugares sagrados, da música e da arte.

**23.** Para que a celebração esteja mais plenamente integrada com a letra e o espírito da sagrada Liturgia, e para que possa exercer a sua eficácia pastoral, expõem-se, nesta Instrução geral e no O. 1, alguns ajustamentos e adaptações.

**24.** Tais adaptações consistem, muitas vezes, na alteração dos ritos e textos, como são os cantos, as leituras, as orações e os gestos, de forma a corresponderem melhor às condições de preparação e à capacidade dos participantes; elas são da competência do sacerdote celebrante. Lembre-se contudo o sacerdote



servidor da sagrada Liturgia, e que não lhe é permitido, por sua livre iniciativa, acrescentar, suprimir ou mudar seja o que for na celebração da Missa[34].

**25.** Além disso, no lugar respectivo do Missal vão indicadas algumas adaptações que, segundo a Constituição da sagrada Liturgia, competem respectivamente ao Bispo diocesano ou à Conferência Episcopal[35] (cf. *adiante*, nn. 387, 391-395).

**26.** No que se refere a variações e adaptações mais profundas, relativas às tradições e à índole dos povos e das regiões, quando for necessário introduzi-las, de acordo com o art. 40 da Constituição sobre a sagrada Liturgia, observe-se o que se expõe na Instrução «A liturgia romana e a inculturação»[36], e mais *adiante* (nn. 395-399).



## CAPITULO II

### ESTRUTURA DA MISSA, SEUS ELEMENTOS E SUAS PARTES

#### I. Estrutura geral da Missa

**27.** Na Missa ou Ceia do Senhor, o povo de Deus é convocado e reunido, sob a presidência do sacerdote que faz as vezes de Cristo, para celebrar o memorial do Senhor ou sacrifício eucarístico[37]. A esta

## CAPÍTULO VII

### A ESCOLHA DA MISSA E DAS SUAS PARTES

**352.** A eficácia pastoral da celebração aumentará com a escolha das leituras, orações e cânticos se fizer, quanto possível, a corresponder às necessidades, à formação espiritual dos que nela tomam parte. Isto consegue-se, usando da múltipla liberdade de escolha que a seguir se descreve.

Por isso, no ordenamento da Missa o sacerdote deve escolher ao bem espiritual do povo de Deus do que aos seus interesses. Lembre-se, além disso, de que convém fazer a escolha da Missa de comum acordo com aqueles que têm parte activa, sem excluir os próprios fiéis, naquilo que mais directamente respeita o seu

Dado que é muito ampla esta faculdade de escolha das partes da Missa, é necessário que, antes da celebração, o leitor, o salmista, o cantor, o comentador e a cantora, de acordo com o que é permitido, escolham, de forma perfeita, cada um pela parte que lhe cabe, quais os textos a serem utilizados, não deixando nada à improvisação. Com esta liberdade de escolha e de realização dos ritos contribui grandemente para o espírito dos fiéis a participar na Eucaristia.

#### I. A escolha da Missa

**353.** Nas solenidades, o sacerdote é obrigado a celebrar a Missa no calendário da igreja em que celebra.

**354.** Nos domingos, nos dias feriais do Advento, do Tempo de Quaresma e do Tempo Pascal, nas festas e memórias obrigatorias,

a) se a Missa é celebrada com participação do povo, deve seguir o calendário da igreja em que celebra;

b) se a Missa é celebrada sem participação do povo, o sacerdote pode escolher ou o calendário da igreja em que celebra ou o calendário próprio.

f) A cor de rosa pode usar-se, onde for costume, nos Domingos *Gaudete* (III do Advento) e *Laetare* (IV da Quaresma).

As Conferências Episcopais podem, no que respeita às cores litúrgicas, determinar e propor à Sé Apostólica as adaptações que entenderem mais conformes com as necessidades e a mentalidade dos povos.

**347.** As Missas rituais celebram-se com a cor própria ou branca ou festiva; as Missas para várias necessidades com a cor do dia ou do Tempo, ou então com a cor roxa, se se trata de celebrações de carácter penitencial, como por exemplo, as Missas para o tempo de guerra ou revoluções, em tempo de fome, para a remissão dos pecados (nn. 31, 33, 38); as Missas votivas celebram-se com a cor correspondente à Missa celebrada ou também com a cor própria do dia ou do Tempo.

#### V. Outras alfaias destinadas ao uso da Igreja

**348.** Além dos vasos sagrados e das vestes sagradas, para os quais está prescrita determinada matéria, todas as outras alfaias destinadas ao uso litúrgico<sup>[138]</sup>, ou a qualquer título admitidas na igreja, devem ser dignas e adequadas ao fim a que se destinam.

**349.** Há-de procurar-se de modo particular que os livros litúrgicos, principalmente o Evangeliário e os Leccionários, destinados à proclamação da Palavra de Deus e que por isso gozam de veneração especial, sejam de facto, na acção litúrgica, sinais e símbolos das coisas do alto e, por isso verdadeiramente dignos, de boa qualidade e belos.

**350.** Acima de tudo há-de prestar-se a maior atenção àquilo que, na celebração eucarística, está directamente relacionado com o altar, como são a cruz do altar e a cruz que é levada na procissão.

**351.** Tenha-se grande cuidado em respeitar, mesmo nos objectos de menor importância, as exigências da arte, aliando sempre a limpeza a uma nobre simplicidade.



assembleia local da santa Igreja se aplica eminentemente a Cristo: “Onde estiverem dois ou três reunidos em meu nome, eu estarei no meio deles” (Mt 18, 20). Com efeito, na celebração da Missa, que perpetua o sacrifício da cruz<sup>[38]</sup>, Cristo está realmente presente na assembleia congregada em seu nome, na pessoa do sacerdote, na palavra e, ainda, de uma forma substancial e permanente nas eucarísticas<sup>[39]</sup>.

**28.** A Missa consta, por assim dizer, de duas partes: a palavra e a liturgia eucarística. Estas duas partes, porém, são estreitamente ligadas que constituem um único acto de culto. Na Missa é posta a mesa, tanto da palavra de Deus como da eucarística. Cristo, mesa em que os fiéis recebem instrução e alimento, determina determinados ritos, a abrir e a concluir a celebração.

#### II. Os diversos elementos da Missa

##### **Leitura da palavra de Deus e sua explicação**

**29.** Quando na Igreja se lê a Sagrada Escritura, é o próprio Cristo que fala ao seu povo, é Cristo, presente na sua palavra, que lê o Evangelho.

Por isso as leituras da palavra de Deus, que oferecem o elemento da maior importância, devem ser escutadas com especial veneração. E embora a palavra divina, contida nas leituras da Escritura, seja dirigida a todos os homens de todos os tempos, eles inteligível, no entanto a sua mais plena compreensão é favorecida por um comentário vivo, isto é, a homilia, que é a acção litúrgica<sup>[42]</sup>.

##### **Orações e outros elementos que pertencem à função do sacerdote**

**30.** Entre as partes da Missa que pertencem ao sacerdote, em primeiro lugar a Oração eucarística, ponto culminante da celebração. Vêm a seguir as orações: a oração coletiva, as orações e a oração depois da comunhão. O sacerdote dirige a assembleia fazendo as vezes de Cristo, dirige estas ora-

nome de todo o povo santo e de todos os presentes[43]. Por isso se chamam “orações presidenciais”.

**31.** Compete igualmente ao sacerdote, enquanto presidente da assembleia reunida, fazer certas admoestações previstas no próprio rito. Onde as rubricas o prevejam, o celebrante pode adaptá-las de modo a corresponderem melhor à capacidade dos participantes; no entanto, o sacerdote deve procurar que o sentido da admoestação proposta no livro litúrgico seja sempre mantido e expresso em poucas palavras. Pertence ainda ao sacerdote presidente anunciar a palavra de Deus e dar a bênção final. Pode ainda introduzir os fiéis, com brevíssimas palavras: na Missa do dia, após a saudação inicial e antes do rito penitencial; na liturgia da palavra, antes das leituras; na Oração eucarística, antes do Prefácio, mas nunca dentro da própria Oração; finalmente, antes da despedida, ao terminar toda a ação sagrada.

**32.** O carácter «presidencial» destas intervenções exige que elas sejam proferidas em voz alta e clara e escutadas por todos com atenção[44]. Por isso, enquanto o sacerdote as profere, não se hão-de ouvir nenhuma outra oração ou cânticos, nem o toque do órgão ou de outros instrumentos musicais.

**33.** Como presidente, o sacerdote pronuncia as orações em nome da Igreja e da comunidade reunida, mas, por vezes, também o faz em nome pessoal, para despertar maior atenção e piedade no exercício do seu ministério. Estas orações, propostas para antes da leitura do Evangelho, na preparação dos dons, e antes e depois da comunhão do sacerdote, são ditas em silêncio (“secreto”).

#### **Outras fórmulas utilizadas na celebração**

**34.** A celebração da Missa é, por sua natureza, “comunitária”[45]. Por isso têm grande importância os diálogos entre o celebrante e os fiéis reunidos, bem como as aclamações[46]. Tais elementos não são apenas sinais externos de celebração colectiva, mas favorecem e realizam a estreita comunhão entre o sacerdote e o povo.

**35.** As aclamações e as respostas dos fiéis às saudações do sacerdote e às orações constituem aquele grau de participação activa por parte da assembleia dos fiéis, que se exige em todas as formas de

**342.** Quanto à forma das vestes sagradas, as Conferências Episcopais podem definir e propor à Sé Apostólica as adaptações que melhor correspondem às necessidades e costumes de cada região.

**343.** Na confecção das vestes sagradas, além dos materiais tradicionalmente usados, é permitido o uso de fibras naturais e sintéticas, em cada região, bem como de fibras artificiais, contanto que haja harmonia com a dignidade da acção sagrada e da pessoa que as veste. O juízo compete à Conferência Episcopal[137].

**344.** A beleza e nobreza da veste sagrada devem ser sempre em relevo mais pela forma e pelo material de que é feita do que pela abundância dos acrescentos ornamentais. Os ornamentos não devem apresentar figuras, imagens ou símbolos, que indiquem o carácter das vestes, excluindo tudo o que possa destoar deste uso.

**345.** A diversidade de cores das vestes sagradas tem de exprimir externamente de modo mais eficaz, por um lado, a peculiaridade dos mistérios da fé que se celebram e, por outro, o progresso da vida cristã ao longo do ano litúrgico.

**346.** Quanto à cor das vestes sagradas, mantendo-se o uso tradicional, isto é:

a) Usa-se a cor branca nos Ofícios e Missas do Tempo Comum, do Natal do Senhor. Além disso: nas celebrações do Senhor da Paixão, nas celebrações da bem-aventurada Virgem Maria, dos Santos não Mártires, nas solenidades de Todos os Santos (1 de Novembro), de S. João Baptista (24 de Junho), nas festas do Evangelista (27 de Dezembro), da Cadeira de S. Pedro (29 de Junho) e da Conversão de S. Paulo (25 de Janeiro).

b) Usa-se a cor vermelha no Domingo da Paixão do Senhor, na Sexta-Feira da Semana Santa, no Domingo do Senhor da Paixão, nas celebrações da Paixão do Senhor, nas festas natalícias dos Santos Evangelistas e nas celebrações dos Santos Mártires.

c) Usa-se a cor verde nos Ofícios e Missas do Tempo Comum.

d) Usa-se a cor roxa no Tempo do Advento e da Quaresma, e usar-se também nos Ofícios e Missas de defuntos.

e) A cor preta pode usar-se, onde for costume, nos Ofícios e Missas de defuntos.

#### IV. As vestes sagradas

**335.** Na Igreja, Corpo de Cristo, nem todos os membros desempenham as mesmas funções. Esta diversidade de funções na celebração da Eucaristia é significada externamente pela diversidade das vestes sagradas, as quais, por isso, são sinal distintivo da função própria de cada ministro. Convém, entretanto, que tais vestes contribuam também para o decoro da acção sagrada. As vestes usadas pelos sacerdotes e diáconos assim como pelos ministros leigos sejam oportunamente benzidas<sup>[135]</sup>.

**336.** A veste sagrada comum a todos os ministros ordenados e instituídos, seja qual for o seu grau, é a alva, que será cingida à cintura por um cingulo, a não ser que, pelo seu feitio, ela se ajuste ao corpo sem necessidade de cingulo. Se a alva não cobrir perfeitamente o traje comum em volta do pescoço, põr-se-á o amito antes de a vestir. A alva não pode ser substituída pela sobrepeliz, nem sequer quando esta se envergar sobre a veste talar, quando se deve vestir a casula ou a dalmática, nem quando, segundo as normas, se usa apenas a estola sem casula ou dalmática.

**337.** A veste própria do sacerdote celebrante, para a Missa e outras acções sagradas directamente ligadas com a Missa, salvo indicação em contrário, é a casula ou planeta, que se veste sobre a alva e a estola.

**338.** A veste própria do diácono é a dalmática, que se veste sobre a alva e a estola; contudo, por necessidade ou por menor grau da solenidade, a dalmática pode omitir-se.

**339.** Os acólitos, leitores e outros ministros leigos podem vestir a alva ou outra veste legitimamente aprovada pela Conferência Episcopal em cada região.

**340.** O sacerdote põe a estola em volta do pescoço, deixando-a cair diante do peito. O diácono põe a estola a tiracolo, deixando-a cair do ombro esquerdo, sobre o peito, e prendendo-a do lado direito do corpo.

**341.** O pluvial, ou capa de asperges, é usado pelo sacerdote nas procissões e outras funções sagradas, segundo as rubricas próprias de cada rito.

celebração da Missa, para que se exprima claramente a acção de toda a comunidade<sup>[47]</sup>.

**36.** Há ainda outras partes da celebração, que pertencem a toda a assembleia convocada e muito contribuem para favorecer a participação activa dos fiéis: são principalmente a oração penitencial, a profissão de fé, a oração universal e a oração

**37.** Finalmente, entre as restantes fórmulas:

a) umas constituem um rito ou acto por si mesmos: a Glória, o salmo responsorial, o Aleluia e o versículo antes do Santo, a aclamação da anamnese e o cântico depois da Comunhão

b) outras destinam-se a acompanhar um rito, como a entrada, do ofertório, da fracção (Cordeiro de Deus) e da Comunhão

#### **Modos de proferir os vários textos**

**38.** Nos textos que devem ser proferidos claramente quer pelo sacerdote ou pelo diácono, quer pelo leitor ou pelo cantor, deve corresponder ao género do próprio texto, conforme se trata de oração, admonição, aclamação ou cântico. Igualmente se deve ter em conta a forma de celebração e a solenidade da assembleia. Tenha-se também em conta, além disso, a índole peculiar de cada língua e a mentalidade dos fiéis.

Nas rubricas e normas que se seguem, as palavras “proferir” devem ser entendidas como referentes quer à simples recitação, segundo os princípios atrás enunciados quer ao canto.

#### **Importância do canto**

**39.** O Apóstolo exorta os fiéis, que se reúnem à eucaristia, a cantar ao Senhor, a que unam as suas vozes para cantar salmos, cânticos e espirituais (cf. Col 3, 16). O canto é sinal de alegria do coração (cf. Mt 26, 46). Bem dizia Santo Agostinho: “Cantar é próprio de quem ama”. Vem já de tempos antigos o provérbio: “Quem bem canta, bem reza”.

**40.** Deve ter-se, pois, em grande apreço o canto na celebração da Missa, de acordo com a índole dos povos e as possibilidades da assembleia litúrgica. Embora não seja necessário cantar

exemplo nas Missas feriais, todos os textos que, por si mesmos, se destinam a ser cantados, deve no entanto procurar-se com todo o cuidado que não falte o canto dos ministros e do povo nas celebrações que se realizam nos domingos e festas de preceito.

Na escolha das partes que efectivamente se cantam, dê-se preferência às mais importantes, sobretudo às que devem ser cantadas pelo sacerdote ou pelo diácono ou pelo leitor, com resposta do povo, bem como às que pertence ao sacerdote e ao povo proferir conjuntamente[49].

**41.** Em igualdade de circunstâncias, dê-se a primazia ao canto gregoriano, como canto próprio da Liturgia romana. De modo nenhum se devem excluir outros géneros de música sacra, principalmente a polifonia, desde correspondam ao espírito da acção litúrgica e favoreçam a participação de todos os fiéis[50].

Dado que hoje é cada vez mais frequente o encontro de fiéis de diferentes nacionalidades, convém que eles saibam cantar em latim pelo menos algumas partes do Ordinário da Missa, sobretudo o símbolo da fé e a oração dominical, nas suas melodias mais fáceis[51].

### **Os gestos e atitudes corporais**

**42.** *Os gestos e atitudes corporais, tanto do sacerdote, do diácono e dos ministros, como do povo, visam conseguir que toda a celebração brilhe pela beleza e nobre simplicidade, que se compreenda a significação verdadeira e plena das suas diversas partes e que se facilite a participação de todos[52]. Para isso deve atender-se ao que está definido pelas leis litúrgicas e pela tradição do Rito Romano, e ao que concorre para o bem comum espiritual do povo de Deus, mais do que à inclinação e arbítrio de cada um.*

A atitude comum do corpo, que todos os participantes na celebração devem observar, é sinal de unidade dos membros da comunidade cristã reunidos para a sagrada Liturgia: exprime e favorece os sentimentos e a atitude interior dos presentes[53].

**43.** Os fiéis estão de pé: desde o início do cântico de entrada, ou enquanto o sacerdote se encaminha para o altar, até à oração colecta, inclusive; durante o cântico do Aleluia que precede o Evangelho; durante a

Nesta matéria, é à Conferência Episcopal que compete a região.

### **III. Os vasos sagrados**

**327.** Entre os objectos requeridos para a celebração merecem respeito particular os vasos sagrados e, entre eles, a patena, que servem para oferecer, consagrar e comungar.

**328.** Os vasos sagrados devem ser fabricados de metal nobre e não devem ser fabricados de metal oxidável, ou menos nobre, e normalmente devem ser dourados por dentro.

**329.** A juízo das Conferências Episcopais, e com a aprovação da Conferência Apostólica, os vasos sagrados também podem ser fabricados de materiais sólidos e que sejam, segundo o modo de sentir, mais nobres, por exemplo, o marfim ou certas madeiras nobres, contanto que sejam adequadas para o uso sagrado. Não se dá preferência aos materiais que não se quebrem nem deteriorem com o uso. Isto vale para todos os vasos destinados a receber as espécies: a patena, a píxide, a caixa-cibório, a custódia e semelhantes.

**330.** Quanto aos cálices e outros vasos, destinados a receber o vinho do Senhor, a copa deve ser de material que não absorva o líquido. O cálice pode ser de outra matéria sólida e digna.

**331.** Para a consagração das hóstias, pode usar-se também, além de uma patena maior, na qual se põe o pão não só para o sacerdote ou diácono, mas também para os outros ministros e fiéis.

**332.** Quanto à forma dos vasos sagrados, compete às Conferências Episcopais decidir do modo que melhor se coadune com os costumes locais, contanto que sejam adequados ao uso litúrgico e que se distingam claramente daqueles que se destinam ao uso quotidiano.

**333.** Para a bênção dos vasos sagrados, sigam-se os ritos prescritos nos livros litúrgicos[134].

**334.** Mantenha-se o costume de construir na sacristia um altar no qual se lance a água da ablução dos vasos sagrados e dos vasos sanguíneos (cf. n. 280).



modo que o sacerdote, na Missa com participação do povo, possa realmente partir a hóstia em várias partes e distribuí-las pelo menos a alguns dos fiéis. Todavia, de modo algum se excluem as hóstias pequenas, quando assim o exija o número dos comungantes ou outras razões de ordem pastoral. No entanto, o gesto da “fracção do pão” – assim era designada a Eucaristia na época apostólica – manifesta de modo mais expressivo a força e o valor de sinal da unidade de todos em um só pão e de sinal da caridade, pelo facto de um só pão ser repartido entre os irmãos.

**322.** O vinho para celebrar a Eucaristia deve ser de uvas, fruto da videira (cf. *Lc 22, 18*), natural e puro, quer dizer, sem qualquer mistura de substâncias estranhas.

**323.** Tenha-se grande cuidado em que o pão e o vinho destinados à Eucaristia se conservem em perfeito estado, isto é, que nem o vinho se azede nem o pão se estrague ou endureça tanto que se torne difícil parti-lo.

**324.** Se depois da consagração ou no momento da Comunhão o sacerdote advertir que, no cálice, em vez de vinho estava água, deite esta num recipiente, ponha vinho e água no cálice e consagre-o, proferindo só as palavras da narração referentes à consagração do cálice, sem ter de consagrar novamente o pão.

## II. Alfaias sagradas em geral

**325.** Tal como para a construção das igrejas, também, no que se refere a todas as alfaias sagradas, a Igreja admite as formas de expressão artística próprias de cada região e aceita as adaptações que melhor se harmonizem com a mentalidade e as tradições dos diversos povos, contanto que correspondam adequadamente ao uso a que as mesmas alfaias sagradas se destinam<sup>[133]</sup>.

Também neste sector se deve buscar com todo o empenho aquela nobre simplicidade que tão bem condiz com a arte verdadeira.

**326.** Nas alfaias sagradas, além dos materiais tradicionalmente usados, podem utilizar-se outros que, de acordo com a mentalidade da nossa época, se consideram nobres, resistentes e adaptados ao uso sagrado.

proclamação do Evangelho; durante a profissão de fé e a oração e desde o invitatório “Orai, irmãos”, antes da oração sobre a hóstia e ao fim da Missa, excepto nos momentos adiante indicados.

Estão sentados: durante as leituras que precederem a Missa; durante o salmo responsorial; durante a homilia e durante a oração dos dons ao ofertório; e, se for oportuno, durante o silêncio antes da Comunhão.

Estão de joelhos durante a consagração, excepto em caso de doença, saúde, a estreiteza do lugar, o grande número dos presentes ou outros motivos razoáveis a isso obstarem. Aqueles, porém, que não podem estar de joelhos durante a consagração, fazem uma inclinação profunda ao sacerdote genuflecte após a consagração.

Compete, todavia, às Conferências Episcopais, segundo o direito, adaptar à mentalidade e tradições razoáveis os gestos e atitudes indicados no Ordinário da Missa<sup>[54]</sup>. Até onde possível, que estejam de acordo com o sentido e o carácter de cada parte da celebração. Onde for costume que o povo permaneça em pé ao fim da aclamação do Sanctus até ao fim da Oração eucarística, que este se mantenha.

Para se conseguir a uniformidade nos gestos e atitudes durante a celebração, os fiéis devem obedecer às indicações que, na mesma, lhes forem dadas pelo diácono, por um ministro leigo ou pelo sacerdote, de acordo com o que está estabelecido nos livros litúrgicos.

**44.** Entre os gestos contam-se também: as acções do sacerdote ao dirigir-se para o altar com o diácono e o diácono, antes da proclamação do Evangelho, ao levar o Livro dos evangelhos para o ambão; dos fiéis ao levarem o pão e aproximarem-se para a Comunhão. Convém que as processões se realizem com decoro, enquanto se executam os respectivos, segundo as normas estabelecidas para cada parte da celebração.

## O silêncio

**45.** Também se deve guardar, nos momentos apropriados da celebração sagrada, como parte da celebração<sup>[55]</sup>. A natureza

depende do momento em que ele é observado no decurso da celebração. Assim, no acto penitencial e a seguir ao convite à oração, o silêncio destina-se ao recolhimento interior; a seguir às leituras ou à homilia, é para uma breve meditação sobre o que se ouviu; depois da Comunhão, favorece a oração interior de louvor e acção de graças.

Antes da própria celebração é louvável observar o silêncio na igreja, na sacristia e nos lugares que lhes ficam mais próximos, para que todos se preparem para celebrar devota e dignamente os ritos sagrados.

### III. As várias partes da Missa

#### A) Ritos iniciais

**46.** Os ritos que precedem a liturgia da palavra – entrada, saudação, acto penitencial, *Kýrie* (Senhor, tende piedade de nós), *Glória* e oração colecta – têm o carácter de exórdio, introdução e preparação.

É sua finalidade estabelecer a comunhão entre os fiéis reunidos e dispô-los para ouvirem devidamente a palavra de Deus e celebrarem dignamente a Eucaristia.

Em algumas celebrações que, segundo as normas dos livros litúrgicos, se ligam à Missa, os ritos iniciais omitem-se ou realizam-se de modo específico.

#### Entrada

**47.** Reunido o povo, enquanto entra o sacerdote com o diácono e os ministros, inicia-se o cântico de entrada. A finalidade deste cântico é dar início à celebração, favorecer a união dos fiéis reunidos e introduzi-los no mistério do tempo litúrgico ou da festa, e ao mesmo tempo acompanhar a procissão de entrada do sacerdote e dos ministros.

**48.** O cântico de entrada é executado alternadamente pela *schola* e pelo povo, ou por um cantor alternando com o povo, ou por toda a assembleia em conjunto, ou somente pela *schola*. Pode utilizar-se ou a

**318.** Pela liturgia da terra a Igreja participa, saboreando a celeste celebrada na cidade santa de Jerusalém, pa peregrina se dirige, onde Cristo está sentado à direita e espera ter parte e comunhão com os Santos, cuja memória

Por isso, de acordo com a antiquíssima tradição da se à veneração dos fiéis, nos edifícios sagrados, imager bem-aventurada Virgem Maria e dos Santos<sup>[131]</sup>, as qu dispostas de tal modo no lugar sagrado, que os fiéis se mistérios da fé que aí se celebram. Tenha-se, por isso, o aumentar exageradamente o seu número e que a sua di na ordem devida, de tal modo que não distraia a celebração<sup>[132]</sup>. Normalmente, não haja na mesma igr uma imagem do mesmo Santo. Em geral, no ornamento igreja, no que se refere às imagens, procure atender-se à a comunidade e à beleza e dignidade das imagens.



## 6CAPÍTULO VI

### AS COISAS NECESSÁRIAS PARA A CELEBRAÇÃO

#### I. O pão e o vinho para celebrar a Eucaristia

**319.** Seguindo o exemplo de Cristo, a Igreja utilizou o vinho com água para celebrar a Ceia do Senhor.

**320.** O pão para celebrar a Eucaristia deve ser confeccionado recentemente e, segundo a antiga tradição, pão ázimo.

**321.** A natureza de sinal exige que a matéria da Eucaristia seja de autêntico alimento. Convém, portanto, que o pão seja, embora ázimo e apresentando a forma tradicional, seja o

No tempo do Advento usem-se o órgão e outros instrumentos musicais com a moderação que convém à índole deste tempo, de modo a não antecipar a plena alegria do Natal do Senhor.

No tempo da Quaresma só é permitido o toque do órgão e dos outros instrumentos musicais para sustentar o canto. Exceptuam-se, porém, o domingo *Laetare* (IV da Quaresma), as solenidades e as festas.

#### **O lugar da reserva da santíssima Eucaristia**

**314.** Conforme a arquitectura de cada igreja e de acordo com os legítimos costumes locais, guarde-se o Santíssimo Sacramento no sacrário, num lugar de honra da igreja, insigne, visível, devidamente ornamentado e adequado à oração[123].

Habitualmente, o tabernáculo deve ser único, inamovível, feito de material sólido e inviolável, não transparente, e fechado de tal modo que evite o mais possível todo o perigo de profanação[124]. Convém, além disso, que antes de se destinar ao uso litúrgico, seja benzido segundo o rito que vem no Ritual Romano[125].

**315.** Está mais de harmonia com a natureza do sinal que no altar em que se celebra a Missa não esteja o sacrário onde se guarda a Santíssima Eucaristia[126].

A juízo do Bispo diocesano o sacrário pode colocar-se:

a) ou no presbitério, fora do altar da celebração, com a forma e a localização mais convenientes, sem excluir algum altar antigo que já não se utilize para celebrar (n. 303);

b) ou também nalguma capela adequada à adoração e oração privada dos fiéis[127], que esteja organicamente unida à igreja e visível aos fiéis cristãos.

**316.** Segundo o costume tradicional, junto do sacrário deve estar continuamente acesa uma lâmpada especial, alimentada com azeite ou cera, com que se indique e honre a presença de Cristo[128].

**317.** Não se esqueça também, de modo nenhum, tudo o mais que o direito prescreve acerca da conservação da Santíssima Eucaristia[129].

#### **As imagens sagradas**

antífona com o respectivo salmo que vem no Gradual ou no Gradual simples, ou outro cântico apropriado à acção e ao carácter do dia ou do tempo, cujo texto tenha a aprovação Episcopal[56].

Se não há cântico de entrada, recita-se a antífona no Missal, ou por todos os fiéis, ou por alguns deles, ou por um deles, então pelo próprio sacerdote, que também pode adaptá-la à admonição inicial (cf. n. 31).

#### **Saudação do altar e da assembleia**

**49.** Chegados ao presbitério, o sacerdote, o diácono e o ministro saúdam o altar com inclinação profunda.

Em sinal de veneração, o sacerdote e o diácono inclinam-se ao altar; e, se for oportuno, o sacerdote incensa a cruz e o altar.

**50.** Terminado o cântico de entrada, o sacerdote, o diácono, o ministro, a cadeira, e toda a assembleia fazem sobre si próprios o sinal da cruz, seguida, pela saudação, faz sentir à comunidade reunida a presença do Senhor. Com esta saudação e a resposta do povo manifesta-se a unidade da Igreja reunida.

Depois da saudação do povo, o sacerdote, ou o diácono, ou o ministro, pode, com palavras muito breves, introduzir os versículos do dia.

#### **Acto penitencial**

**51.** Em seguida, o sacerdote convida ao acto penitencial. Após uma breve pausa de silêncio, é feito por toda a comunidade o acto penitencial, fórmula de confissão geral e termina com a absolvição do sacerdote. A absolvição, porém, carece da eficácia do sacramento da penitência.

Ao domingo, principalmente no tempo paschal, o acto penitencial pode fazer-se, por vezes, com a aspersão da água em memória do baptismo[57].

### ***Kýrie, eleison***

**52.** Depois do acto penitencial, diz-se sempre o *Senhor, tende piedade de nós* (*Kýrie, eleison*), a não ser que já tenha sido incluído no acto penitencial. Dado tratar-se de um canto em que os fiéis aclamam o Senhor e imploram a sua misericórdia, é normalmente executado por todos, em forma alternada entre o povo e a *schola* ou um cantor.

Cada uma das aclamações diz-se normalmente duas vezes, o que não exclui, porém, um maior número, de acordo com a índole de cada língua, da arte musical ou das circunstâncias. Quando o *Kýrie* é cantado como parte do acto penitencial, cada aclamação é precedida de um «tropo».

### ***Glória in excelsis***

**53.** O Glória é um antiquíssimo e venerável hino com que a Igreja, congregada no Espírito Santo, glorifica e suplica a Deus e ao Cordeiro. Não é permitido substituir o texto deste hino por outro. É começado pelo sacerdote ou, se for oportuno, por um cantor, ou pela *schola*, e é cantado ou por todos em conjunto, ou pelo povo alternando com a *schola*, ou só pela *schola*. Se não é cantado, é recitado ou por todos em conjunto ou por dois coros alternadamente.

Canta-se ou recita-se nos domingos fora do Advento e da Quaresma, bem como nas solenidades e festas, e em particulares celebrações mais solenes.

### ***Oração colecta***

**54.** Em seguida, o sacerdote convida o povo à oração; e todos, juntamente com ele, se recolhem uns momentos em silêncio, a fim de tomarem consciência de que se encontram na presença de Deus e poderem formular interiormente as suas intenções. Então o sacerdote diz a oração que se chama «colecta», pela qual se exprime o carácter da celebração. Segundo a tradição antiga da Igreja, a oração dirige-se habitualmente a Deus Pai, por Cristo, no Espírito Santo<sup>[58]</sup>, e termina com a conclusão trinitária, isto é, a mais longa, deste modo:

Coloque-se o assento do diácono junto da cadeira.  
Para os outros ministros disponham-se os assentos de modo que possam distinguir-se claramente dos do clero, e donde possam facilmente as funções que lhes estão atribuídas<sup>[119]</sup>.

## **III. A disposição da igreja**

### ***O lugar dos fiéis***

**311.** O lugar destinado aos fiéis deve ser objecto de particular atenção, dispondo-o de modo a permitir-lhes participar das celebrações sagradas com a vista e com o espírito. Não deve haver para eles bancos ou cadeiras. Reprova-se, porém, reservar lugares especiais para pessoas privadas<sup>[120]</sup>. Cadeiras, principalmente nas igrejas construídas de novo, devem ser dispostos de tal modo, que os fiéis possam facilmente alcançar o corpo requeridas para as diferentes partes da celebração sem dificuldade da sagrada Comunhão.

Atenda-se a que os fiéis não somente possam ver o altar, quer o diácono e os leitores, mas também possam participar comodamente, recorrendo aos meios da técnica moderna.

### ***O lugar da schola cantorum e dos instrumentos musicais***

**312.** Tanto quanto a estrutura da igreja o permita, à igreja deve destinar-se um lugar que manifeste claramente a sua parte da assembleia dos fiéis, e a função peculiar que lhe é atribuída, que facilite o desempenho dessa sua função, e que permita a todos os seus componentes uma participação plena na participação sacramental<sup>[121]</sup>.

**313.** O órgão e os outros instrumentos musicais, quando aprovados sejam colocados num lugar apropriado, de modo a apoiar o canto, quer da *schola* quer do povo, e a serem utilizados por todos, quando intervêm sozinhos. É conveniente que o órgão, quando destinado ao uso litúrgico, seja benzido segundo o rito que se usa no Romano<sup>[122]</sup>.

**308.** Sobre o altar ou junto dele coloca-se também uma cruz, com a imagem de Cristo crucificado, que a assembleia possa ver bem. Convém que, mesmo fora das acções litúrgicas, permaneça junto do altar uma tal cruz, para recordar aos fiéis a paixão salvadora do Senhor.

#### **O ambão**

**309.** A dignidade da palavra de Deus requer que haja na igreja um lugar adequado para a sua proclamação e para o qual, durante a liturgia da palavra, convirja espontaneamente a atenção dos fiéis[115].

Em princípio, este lugar deve ser um ambão estável e não uma simples estante móvel. Tanto quanto a arquitectura da igreja o permita, o ambão dispõe-se de modo que os ministros ordenados e os leitores possam facilmente ser vistos e ouvidos pelos fiéis.

Do ambão são proferidas unicamente as leituras, o salmo responsorial e o precónio pascal. Podem também fazer-se do ambão a homilia e proporem-se as intenções da oração universal ou oração dos fiéis. A dignidade do ambão exige que só o ministro da palavra suba até ele.

Convém que um novo ambão, antes de ser destinado ao uso litúrgico, seja benzido segundo o rito que vem no Ritual Romano[116].

#### *A cadeira para o sacerdote celebrante e outros assentos*

**310.** A cadeira do sacerdote celebrante deve significar a sua função de presidente da assembleia e guia da oração. Por isso, o lugar mais indicado é ao fundo do presbitério, de frente para o povo, a não ser que a arquitectura da igreja ou outras circunstâncias o não permitam: por exemplo, se devido a uma distância excessiva se tornar difícil a comunicação entre o sacerdote e a assembleia reunida, ou se o sacrário estiver situado ao centro, atrás do altar. Deve, porém, evitar-se todo o aspecto de trono[117]. É conveniente que a cadeira, antes de ser destinada ao uso litúrgico, seja benzida segundo o rito que vem no Ritual Romano[118].

No presbitério, dispõem-se também assentos para os sacerdotes concelebrantes ou para os presbíteros que, vestidos com a veste coral, estão na celebração, mas não concelebram.

– se é dirigida ao Pai: *Per Dóminum nostrum Iesum Christum, qui tecum vivit et regnat in unitate Spíritus Sancti, Deus, per omnia saecula saeculórum;*

– se é dirigido ao Pai, mas no fim é mencionado o Espírito Santo: *Qui tecum vivit et regnat in unitate Spíritus Sancti, Deus, per omnia saecula saeculórum;*

– se é dirigido ao Filho: *Qui vivis et regnas cum Deo Patre et Spíritus Sancti, Deus, per omnia saecula saeculórum.*

O povo associa-se a esta súplica e faz sua aclamação *Amen*.

Na Missa diz-se sempre uma só oração colecta.

\* Com a aprovação da Sé Apostólica, nos países de língua portuguesa, as orações concluem todas do mesmo modo:

– se é dirigida ao Pai: *Por Nosso Senhor Jesus Cristo, que é Deus convosco na unidade do Espírito Santo;*

– se é dirigido ao Pai, mas no fim é mencionado o Espírito Santo: *Deus convosco na unidade do Espírito Santo;*

– se é dirigido ao Filho: *Vós que sois Deus com o Pai e o Espírito Santo.*

#### **B) Liturgia da palavra**

**55.** A parte principal da liturgia da palavra é constituída pela Sagrada Escritura com os cânticos intercalados. O desenvolvimento e conclusão a homilia, a profissão de fé universal ou oração dos fiéis. Nas leituras, comentadas pelo sacerdote, ele fala ao seu povo[59], revela-lhe o mistério da redenção e oferece-lhe o alimento espiritual. Pela sua palavra, o povo presente no meio dos fiéis[60]. O povo faz sua esta palavra em silêncio e com os cânticos e a ela adere com a profissão de fé alimentado, eleva a Deus as suas preces na oração e pelas necessidades de toda a Igreja e pela salvação do mundo i



### **Silêncio**

**56.** A liturgia da palavra deve ser celebrada de modo a favorecer a meditação. Deve, por isso, evitar-se completamente qualquer forma de pressa que impeça o recolhimento. Haja nela também breves momentos de silêncio, adaptados à assembleia reunida, nos quais, com a ajuda do Espírito Santo, a Palavra de Deus possa ser interiorizada e se prepare a resposta pela oração. Pode ser oportuno observar estes momentos de silêncio depois da primeira e da segunda leitura e, por fim, após a homilia.

### **Leituras bíblicas**

**57.** Nas leituras põe-se aos fiéis a mesa da palavra de Deus e abrem-se-lhes os tesouros da Bíblia[61]. Convém, por isso, observar uma disposição das leituras bíblicas que ilustre a unidade de ambos os Testamentos e da história da salvação; não é lícito substituir as leituras e o salmo responsorial, que contêm a palavra de Deus, por outros textos não bíblicos[62].

**58.** Na celebração da Missa com o povo, as leituras proclamam-se sempre do ambão.

**59.** Segundo a tradição, a função de proferir as leituras não é presidencial, mas sim ministerial. Por isso as leituras são proclamadas por um leitor, mas o Evangelho é anunciado pelo diácono ou por outro sacerdote. Se, porém, não estiver presente o diácono nem outro sacerdote, leia o Evangelho o próprio sacerdote celebrante; e se também faltar outro leitor idóneo o sacerdote celebrante proclame igualmente as outras leituras.

Depois de cada leitura, aquele que a lê profere a aclamação; ao responder-lhe, o povo reunido presta homenagem à palavra de Deus, recebida com fé e espírito agradecido.

**60.** A leitura do Evangelho constitui o ponto culminante da liturgia da palavra. Deve ser-lhe atribuída a maior veneração. Assim o mostra a própria Liturgia, distinguindo esta leitura das outras com honras especiais, quer por parte do ministro encarregado de a anunciar e pela bênção e oração com que se prepara para o fazer, quer por parte dos fiéis que, com as suas aclamações, reconhecem e confessam que é Cristo presente no meio deles quem lhes fala, e, por isso, escutam a leitura de pé; quer ainda pelos sinais de veneração ao próprio Evangeliário.

**303.** Na construção de novas igrejas deve erigir-se significativamente na assembleia dos fiéis que há um só Cristo e que a Igreja é só uma.

Nas igrejas já construídas, quando nelas existirem elementos de tal modo que torne difícil a participação do povo, deve-se pôr em obra o que possa transferir sem detrimento dos valores artísticos, a arte outro altar fixo, devidamente dedicado, e realizem-se as celebrações sagradas. Para não desviar a atenção dos fiéis, não se adorne de modo especial o altar antigo.

**304.** Pela reverência devida à celebração do memorial do Senhor, o banquete em que é distribuído o Corpo e o Sangue de Cristo, o qual se celebra deve ser coberto ao menos com um pano branco, que, pela sua forma, tamanho e ornato, deve estar em harmonia com a estrutura do altar.

**305.** Haja moderação na ornamentação do altar.

No tempo do Advento ornamente-se o altar com flores de moderação que convém à índole deste tempo, de modo a não diminuir a plena alegria do Natal do Senhor. No tempo da Quaresma não se adorna o altar com flores. Exceptuam-se, porém, o domingo da Quaresma, as solenidades e as festas.

A ornamentação com flores deve ser sempre sóbria e as pôr sobre a mesa do altar, disponham-se junto dele.

**306.** Sobre a mesa do altar, apenas se podem colocar as coisas necessárias para a celebração da Missa, ou seja, o Evangelho, no início da celebração até à proclamação do Evangelho, a apresentação dos dons até à purificação dos vasos, o cálice, a píxide, se for precisa, e ainda o corporal, o sanguinho e o vinho.

Além disso, devem dispor-se discretamente os elementos porventura necessários para amplificar a voz do sacerdote.

**307.** Os castiçais prescritos para cada acção litúrgica, de veneração e de celebração festiva (cf. n. 117), dispõem-se no próprio altar ou em volta dele, como for mais conveniente, de modo a não prejudicar a estrutura quer do altar quer do presbitério, de modo a não impedir o harmónico e a não impedir os fiéis de verem facilmente o que realiza ou o que nele se coloca.

### **O altar e o seu adorno**

**296.** O altar, em que se torna presente sob os sinais sacramentais o sacrifício da cruz, é também a mesa do Senhor, na qual o povo de Deus é chamado a participar quando é convocado para a Missa; o altar é também o centro da acção de graças celebrada na Eucaristia.

**297.** A celebração da Eucaristia em lugar sagrado faz-se sobre o altar; fora do lugar sagrado, também pode ser celebrada sobre uma mesa adequada, coberta sempre com uma toalha e o corporal, e com a cruz e os candelabros.

**298.** É conveniente que em cada igreja haja um altar fixo, que significa mais clara e permanentemente Cristo Jesus, Pedra viva (*1 Ped 2, 4*; cf. *Ef 2, 20*); nos outros lugares destinados às celebrações sagradas, o altar pode ser móvel.

Diz-se altar fixo aquele que é construído sobre o pavimento e de tal modo unido a ele que não se pode remover. Diz-se altar móvel aquele que se pode deslocar de um sítio para outro.

**299.** Onde for possível, o altar principal deve ser construído afastado da parede, de modo a permitir andar em volta dele e celebrar a Missa de frente para o povo. Pela sua localização, há-de ser o centro de convergência, para o qual espontaneamente se dirijam as atenções de toda a assembleia dos fiéis<sup>[114]</sup>. Normalmente deve ser fixo e dedicado.

**300.** O altar fixo ou móvel é dedicado segundo o rito descrito no Pontifical Romano; o altar móvel, porém, pode ser simplesmente benzido.

**301.** Segundo um costume e um simbolismo tradicional da Igreja, a mesa do altar fixo deve ser de pedra natural. Contudo, segundo o critério da Conferência Episcopal, é permitida a utilização de outros materiais, contanto que sejam dignos, sólidos e artisticamente trabalhados. O suporte ou base em que assenta a mesa pode ser de material diferente, contanto que seja digno e sólido.

O altar móvel pode ser construído de qualquer material nobre e sólido, adequado ao uso litúrgico, segundo as tradições e costumes de cada região.

**302.** Mantenha-se oportunamente o uso de colocar sob o altar que vai ser dedicado relíquias de Santos, ainda que não sejam Mártires. Mas tenha-se o cuidado de verificar a autenticidade dessas relíquias.

### **Salmo responsorial**

**61.** A primeira leitura é seguida do salmo responsorial integrante da liturgia da palavra e tem, por si mesmo, grande valor litúrgico e pastoral, pois favorece a meditação da Palavra de Deus.

O salmo responsorial corresponde a cada leitura e toma-se do Leccionário.

Convém que o salmo responsorial seja cantado, pelo menos se refere à resposta do povo. O salmista ou cantor do salmo pode, de outro sítio conveniente, recita os versículos do salmo à assembleia escuta sentada, ou, de preferência, nele participando costumado com o refrão, a não ser que o salmo seja recitado sem refrão. Todavia, para facilitar ao povo a resposta salmista fez-se, para os diferentes tempos e as várias categorias de salmo, a selecção de responsórios e salmos, que podem ser utilizados com o texto correspondente à leitura, quando o salmo é cantado ou recitado. Quando puder ser cantado, recita-se do modo mais indicado para favorecer a meditação da palavra de Deus.

Em vez do salmo que vem indicado no Leccionário, o salmista pode cantar ou o responsório gradual tirado do Gradual simples, o salmo responsorial ou aleluiático do Gradual simples, nestes livros.

### **Aclamação antes da leitura do Evangelho**

**62.** Depois da leitura, que precede imediatamente a proclamação, canta-se o Aleluia ou outro cântico, indicado pelas rubricas do tempo litúrgico. Deste modo a aclamação constitui um rito de valor por si próprio, pelo qual a assembleia dos fiéis aclama o Senhor, que lhe vai falar no Evangelho, e professa a sua fé. É cantada por todos de pé, iniciada pela *schola* ou cantor, e pode-se repetir, se for conveniente; mas o versículo é cantado pelo cantor.

a) O Aleluia canta-se em todos os tempos fora do tempo litúrgico; os versículos tomam-se do Leccionário ou do Gradual;

b) Na Quaresma, em vez do Aleluia canta-se o versículo antes do Evangelho que vem no Leccionário. Também se pode cantar outro salmo ou tracto, como se indica no Gradual.

**63.** No caso de haver uma só leitura antes do Evangelho:

a) nos tempos em que se diz Aleluia, pode escolher-se ou o salmo aleluiático, ou o salmo e o Aleluia com o seu versículo;

b) no tempo em que não se diz Aleluia, pode escolher-se ou o salmo e o versículo antes do Evangelho ou apenas o salmo.

c) O Aleluia ou o versículo antes do Evangelho, se não são cantados, podem omitir-se.

**64.** A sequência, que excepto nos dias da Páscoa e do Pentecostes é facultativa, canta-se depois do Aleluia.

#### **Homilia**

**65.** A homilia é parte da liturgia e muito recomendada[63]: é um elemento necessário para alimentar a vida cristã. Deve ser a explanação de algum aspecto das leituras da Sagrada Escritura ou de algum texto do Ordinário ou do Próprio da Missa do dia, tendo sempre em conta o mistério que se celebra, bem como as necessidades peculiares dos ouvintes[64].

**66.** Habitualmente a homilia deve ser feita pelo sacerdote celebrante ou por um sacerdote concelebrante, por ele encarregado, ou algumas vezes, se for oportuno, também por um diácono, mas nunca por um leigo[65]. Em casos especiais e por justa causa, a homilia também pode ser feita, por um Bispo ou presbítero que se encontra na celebração mas sem poder concelebrar.

Nos domingos e festas de preceito, deve haver homilia em todas as Missas celebradas com participação do povo, e não pode omitir-se senão por causa grave. Além disso, é recomendada, particularmente nos dias feriais do Advento, Quaresma e Tempo Pascal, e também noutras festas e ocasiões em que é maior a afluência do povo à Igreja[66].

Depois da homilia, observe-se oportunamente um breve espaço de silêncio.

#### **Profissão de fé**

conveniente comodidade dos fiéis, como se faz habitualmente onde o povo se reúne.

**294.** O povo de Deus, que se reúne para a Missa, tem uma estrutura orgânica e hierárquica, que se exprime nos diversos ministérios e acções que se realizam em cada uma das partes da celebração. O edifício sagrado, na sua disposição geral, deve representar de modo a imagem da assembleia congregada, proporcionar uma boa coordenação de todos os seus elementos e facilitar o desempenho da função de cada um.

O lugar destinado aos fiéis e à *schola cantorum* deve ser disposto de modo a tornar mais fácil a sua participação activa[112].

O lugar do sacerdote celebrante, do diácono e dos ministros leigos é o presbitério. Aí se preparam os assentos dos concelebrantes. Porém, o seu número for grande, disponham-se os assentos também na igreja, mas perto do altar.

Embora tudo isto deva exprimir a estrutura e a diversidade dos ministérios, deve também formar uma unidade orgânica que manifeste de modo mais claro a unidade do povo santo. Por outro lado, a natureza e a beleza do lugar sagrado, de todas as alfaias do culto, devem ser de tal modo dispostas que piedade e exprimam a santidade dos mistérios que se celebram.

## **II. Disposição do presbitério para a celebração**

**295.** O presbitério é o lugar onde sobressai o altar, onde se lê a palavra de Deus e onde o sacerdote, o diácono e os ministros leigos exercem as suas funções. Deve distinguir-se oportunamente da igreja, ou por uma certa elevação, ou pela sua estrutura especial. Deve ser suficientemente espaçoso para que a Eucaristia se desenrole comodamente e possa ser vista[113].

## I. Princípios gerais

**288.** Para a celebração da Eucaristia, o povo de Deus reúne-se normalmente na igreja ou, quando esta falta ou é insuficiente, num lugar decente e que seja digno de tão grande mistério. Por isso, as igrejas e os outros lugares devem ser aptos para a conveniente realização da acção sagrada e para se conseguir a participação activa dos fiéis. Além disso, os edifícios sagrados e os objectos destinados ao culto divino devem ser dignos e belos como sinais e símbolos das realidades celestes[106].

**289.** É por isso que a Igreja recorre sempre à nobre ajuda das artes, e admite as formas de expressão artística próprias de cada povo ou região[107]. Mais ainda, não só se empenha em conservar as obras de arte e os tesouros que nos legaram os séculos passados[108] e, na medida do possível, as adapta às novas necessidades, mas também se esforça por estimular a criação de novas formas, de acordo com a maneira de ser de cada época[109].

Por conseguinte, tanto na formação dos artistas como na escolha das obras de arte a admitir na igreja, deve procurar-se o valor artístico autêntico, que alimente a fé e a piedade e que, por outro lado, corresponda à verdade do seu significado e aos fins a que se destina[110].

**290.** Todas as igrejas devem ser dedicadas ou ao menos benzidas. As igrejas catedrais e paroquiais, porém, sejam solenemente dedicadas.

**291.** Todos os interessados na correcta construção, reparação e adaptação dos edifícios sagrados, devem consultar a Comissão diocesana da sagrada Liturgia e de Arte sacra. Quanto ao Bispo diocesano, recorrerá ao conselho e ajuda da referida Comissão, sempre que tenha de estabelecer normas sobre a matéria, aprovar projectos de novas construções ou decidir questões de certa importância[111].

**292.** Na ornamentação da igreja deve tender-se mais para a simplicidade do que para a ostentação. Na escolha dos elementos decorativos, procure-se a verdade das coisas e o que contribua para a formação dos fiéis e para a dignidade de todo o lugar sagrado.

**293.** Uma conveniente disposição da igreja e seus anexos, capaz de satisfazer realmente às exigências do nosso tempo, requer que se atenda, não apenas àquilo que directamente se relaciona com a celebração das acções sagradas, mas também a tudo o que possa contribuir para a

**67.** O símbolo, ou profissão de fé, tem como finalidade reunir todo o povo reunido, responda à palavra de Deus anunciada na sagrada Escritura e exposta na homilia, e que, proclamando a fé, segundo a fórmula aprovada para o uso litúrgico, recorde os grandes mistérios da fé, antes de começarem a ser celebrados na Eucaristia.

**68.** O símbolo deve ser cantado ou recitado juntamente com o povo, nos domingos e nas solenidades, e pode dizer-se em celebrações especiais mais solenes.

Se é cantado, é começado pelo sacerdote ou, se for o caso, pelo cantor, ou pela *schola*; cantam-no todos em conjunto ou com a *schola*.

Se não é cantado, deve ser recitado conjuntamente com o povo, por dois coros alternadamente.

### **Oração universal**

**69.** Na oração universal ou oração dos fiéis, o sacerdote, em algum modo à palavra de Deus recebida na fé e, exercendo o seu sacerdócio baptismal, apresenta preces a Deus por todos. Convém que em todas as Missas com participação do povo, esta oração, na qual se pede pela santa Igreja, pelos governantes que se encontram em necessidade, por todos os homens e pela salvação do mundo inteiro[67].

**70.** Normalmente a ordem das intenções é a seguinte:

- a) pelas necessidades da Igreja;
- b) pelas autoridades civis e pela salvação do mundo;
- c) por aqueles que sofrem dificuldades;
- d) pela comunidade local.

Em celebrações especiais – por exemplo, Confirmação, Exéquias – a ordem das intenções pode acomodar-se às circunstâncias.

**71.** Compete ao sacerdote celebrante dirigir da sede o povo, próprio a introduz com uma breve admoção, na qual o sacerdote orar, e a conclui com uma oração. As intenções que

formuladas de forma sóbria, com sábia liberdade e em poucas palavras, devem exprimir a súplica de toda a comunidade.

Habitualmente são enunciadas do ambão ou de outro lugar conveniente, por um diácono, por um cantor, por um leitor, ou por um fiel leigo[68].

O povo, de pé, faz suas estas súplicas, ou com uma invocação comum proferida depois de cada intenção, ou orando em silêncio.

### **C) Liturgia eucarística**

**72.** Na última Ceia, Cristo instituiu o sacrifício e banquete pascal, por meio do qual, todas as vezes que o sacerdote, representando a Cristo Senhor, faz o mesmo que o Senhor fez e mandou aos discípulos que fizessem em sua memória, se torna continuamente presente o sacrifício da cruz[69].

Cristo tomou o pão e o cálice, pronunciou a acção de graças, partiu o pão e deu-o aos seus discípulos, dizendo: «Tomai, comei, bebei: isto é o meu Corpo; este é o cálice do meu Sangue. Fazei isto em memória de Mim». Foi a partir destas palavras e gestos de Cristo que a Igreja ordenou toda a celebração da liturgia eucarística. Efectivamente:

1) Na preparação dos dons, levam-se ao altar o pão e o vinho com água, isto é, os mesmos elementos que Cristo tomou em suas mãos.

2) Na Oração eucarística, dão-se graças a Deus por toda a obra da salvação, e as oblatas convertem-se no Corpo e Sangue de Cristo.

3) Pela fracção do pão e pela Comunhão, os fiéis, embora muitos, recebem, de um só pão, o Corpo e Sangue do Senhor, do mesmo modo que os Apóstolos o receberam das mãos do próprio Cristo.

#### Preparação dos dons

**73.** A iniciar a liturgia eucarística, levam-se para o altar os dons, que se vão converter no Corpo e Sangue de Cristo.

Aos fiéis que eventualmente queiram comungar do pão, dê-se a sagrada Comunhão desta forma.

**285.** Para a Comunhão sob as duas espécies deve-se seguir a seguinte:

a) se a Comunhão do cálice se faz bebendo do cálice, preveja-se ou um cálice de tamanho suficiente ou, havendo sempre o cuidado de que não fique muito Sangue, consumir no fim da celebração;

b) se se faz por intinção, as hóstias não devem ser finas nem demasiado pequenas, mas um pouco mais espessas, por costume, para tornar fácil a sua distribuição depois de embebidas no Sangue.

**286.** Se a Comunhão do Sangue se faz bebendo do cálice, o comungante, depois de receber o Corpo de Cristo, passa a receber o cálice e fica de pé diante dele. O ministro do cálice (Sanguis Christi); o comungante responde: *Amen*. O ministro entrega-lhe o cálice, que o próprio comungante leva à boca. O comungante bebe um pouco do cálice, entrega-o ao ministro, e então o ministro limpa com o sanguinho o bordo do cálice.

**287.** Se a Comunhão do cálice se faz por intinção, segurando a patena por baixo da boca, aproxima-se do cálice, segura o cálice, e ao lado do qual está o ministro que se prepara a receber as sagradas partículas. O sacerdote toma a hóstia, embebe-a no cálice e, mostrando-a, diz: *O Corpo e o Sangue de Cristo* (Sanguis Christi); o comungante responde: *Amen*, recebe o Sacramento na boca, e retira-se.



## **CAPÍTULO V**

### **DISPOSIÇÃO E ADORNO DAS IGREJAS PARA A CELEBRAÇÃO DA EUCARISTIA**



Além disso, devem ensinar também que a Igreja, na administração dos Sacramentos, salvaguardada a sua substância, tem o poder de estabelecer ou modificar aquilo que, atendendo às circunstâncias ou à diversidade dos tempos e lugares, julgue mais apto para favorecer a veneração devida aos mesmos Sacramentos e seja de maior proveito para quem os recebe[105]. Ao mesmo tempo, não deixem de exortar os fiéis para que participem mais intensamente no rito sagrado por aquela forma em que se manifesta de modo mais pleno o sinal do banquete eucarístico.

**283.** A Comunhão sob as duas espécies é permitida, além dos casos expostos nos livros rituais:

a) aos sacerdotes que não podem celebrar ou concelebrar a Missa;

b) ao diácono e àqueles que desempenham algum ofício na Missa;

c) aos membros das comunidades, na Missa conventual ou naquela que é chamada «da comunidade», aos alunos dos seminários e a todos os que fazem exercícios espirituais ou participam numa reunião espiritual ou pastoral.

O Bispo diocesano pode definir normas para a Comunhão sob as duas espécies na sua diocese, a observar mesmo nas igrejas dos religiosos e nos pequenos grupos. Ao mesmo Bispo é dada faculdade de permitir a Comunhão sob as duas espécies, sempre que tal pareça oportuno ao sacerdote celebrante, desde que os fiéis sejam bem instruídos e não haja perigo de profanação do Santíssimo ou que o rito não se torne mais difícil em virtude da multidão dos participantes ou por outra causa.

Quanto ao modo de distribuir a sagrada Comunhão sob as duas espécies aos fiéis e ao alargamento da autorização, as Conferências Episcopais podem dar normas, confirmadas pela Sé Apostólica.

**284.** Quando se distribui a Comunhão sob as duas espécies:

a) habitualmente quem ministra ao cálice é o diácono, ou, na sua ausência, o presbítero; ou também o acólito devidamente instituído ou outro ministro extraordinário da sagrada Comunhão; ou o fiel a quem, em caso de necessidade, se chama para este ofício em cada caso;

b) o que eventualmente sobrar do Sangue é consumido no altar pelo sacerdote, ou pelo diácono, ou pelo acólito instituído, que ministrou ao cálice e purifica, enxuga e arruma os vasos sagrados do modo habitual;

Em primeiro lugar prepara-se o altar ou mesa do centro de toda a liturgia eucarística[70]; nele se dispõem o purificador (ou sanguinho), o Missal e o cálice, salvo se e na credência.

Em seguida são trazidas as oferendas. É de louvor se o vinho sejam apresentados pelos fiéis. Recebidos pelo sacerdote ou diácono em lugar conveniente, são depois levados para o altar. Hoje em dia, os fiéis já não tragam do seu próprio pão e vinho; mas, como fazia noutros tempos, no entanto o rito desta apresentação mantém o seu valor e significado espiritual.

Além do pão e do vinho, são permitidas ofertas em dinheiro destinadas aos pobres ou à Igreja, e tanto podem ser trazidas para o altar como recolhidos dentro da Igreja. Estes dons serão dispostos no altar em lugar conveniente, fora da mesa eucarística.

**74.** A procissão em que se levam os dons é acompanhada pelo ofertório (cf. n. 37, b), que se prolonga pelo menos até que os dons tenham sido depositos sobre o altar. As normas para a procissão são idênticas às que foram dadas para o cântico ofertório (cf. n. 48). O rito do ofertório pode ser sempre acompanhado de um cântico.

**75.** O pão e o vinho são depositos sobre o altar e acompanhados das fórmulas prescritas. O sacerdote põe os dons colocados sobre o altar, depois a cruz e o próprio altar. Este gesto se pretende significar que a oblação e oração da Igreja são oferecidas ao fumo de incenso, à presença de Deus. Depois o sacerdote oferece o sagrado ministério, e o povo, em razão da dignidade baptismal, é incensado pelo diácono ou por outro ministro.

**76.** A seguir, o sacerdote lava as mãos, ao lado do altar, e assim se exprime o desejo de uma purificação interior.

Oração sobre as oblatas

**77.** Depositadas as oblatas sobre o altar e realizadas as acções concomitantes, o sacerdote convida os fiéis a orar juntamente com ele e recita a oração sobre as oblatas. Assim termina a preparação para o rito e tudo está preparado para a Oração eucarística.

Na Missa diz-se uma só oração sobre as oblatas, que termina com a conclusão breve, isto é: *Per Christum Dóminum nostrum*; se no fim da oração se menciona o Filho, diz-se: *Qui vivit et regnat in saecula saeculorum*. (V. nota no final do n. 54).

#### **Oração eucarística**

**78.** Inicia-se então o momento central e culminante de toda a celebração, a Oração eucarística, que é uma oração de acção de graças e de consagração. O sacerdote convida o povo a elevar os corações para o Senhor, na oração e na acção de graças, e associa-o a si na oração que ele, em nome de toda a comunidade, dirige a Deus Pai por Jesus Cristo no Espírito Santo. O sentido desta oração é que toda a assembleia dos fiéis se una a Cristo na proclamação das maravilhas de Deus e na oblação do sacrifício.

**79.** Como elementos principais da Oração eucarística podem enumerar-se os seguintes:

a) Acção de graças (expressa de modo particular no Prefácio): em nome de todo o povo santo, o sacerdote glorifica a Deus Pai e dá-Lhe graças por toda a obra da salvação ou por algum dos seus aspectos particulares, conforme o dia, a festa ou o tempo litúrgico.

b) Aclamação: toda a assembleia, em união com os coros celestes, canta o Sanctus (Santo). Esta aclamação, que faz parte da Oração eucarística, é proferida por todo o povo juntamente com o sacerdote.

c) Epiclese: consta de invocações especiais, pelas quais a Igreja implora o poder do Espírito Santo, para que os dons oferecidos pelos homens sejam consagrados, isto é, se convertam no Corpo e Sangue de Cristo; e para que a hóstia imaculada, que vai ser recebida na Comunhão, opere a salvação daqueles que dela vão participar.

d) Narração da instituição e consagração: mediante as palavras e gestos de Cristo, realiza-se o sacrifício que o próprio Cristo instituiu na última Ceia, quando ofereceu o seu Corpo e Sangue sob as espécies do pão e do vinho e os deu a comer e a beber aos Apóstolos, ao mesmo tempo que lhes confiou o mandato de perpetuar este mistério.

e) Anamnese: em obediência a este mandato, recebido de Cristo Senhor através dos Apóstolos, a Igreja celebra a memória do mesmo

#### **Purificações**

**278.** Se algum fragmento da hóstia ficar aderido sobretudo depois da fracção ou depois da Comunhão dos fiéis, o sacerdote limpa os dedos sobre a patena ou, se parecer necessário, também os que eventualmente tenham ficado fora da patena.

**279.** Os vasos sagrados são purificados pelo sacerdote ou pelo diácono ou pelo acólito instituído, depois da Comunhão, na Missa, quanto possível na credência. O cálice é purificado com vinho e água, que depois é consumida por quem o purifica; limpa-se normalmente com o sanguinho.

Deve atender-se a que o Sangue de Cristo que sobra no cálice fique depois da distribuição da Comunhão, seja totalmente consumido no altar.

**280.** Se cair no chão alguma hóstia ou parte dela, recolha-se reverentemente. Se acaso se derramar o Sangue do Senhor, limpe-se com água o sítio em que tenha caído e deita-se depois essa água no chão colocado na sacristia.

#### **Comunhão sob as duas espécies**

**281.** A sagrada Comunhão adquire a sua forma mais perfeita quando é feita sob as duas espécies. Nesta forma manifesta-se perfeitamente o sinal do banquete eucarístico, e evidencia-se claramente a vontade de ratificar a nova e eterna aliança do Sangue do Senhor, bem como a relação entre o banquete eucarístico e o banquete escatológico no reino do Pai[103].

**282.** Empenhem-se os sagrados pastores em ensinar os fiéis de maneira mais eficiente, aos fiéis que tomam parte no rito da Comunhão, a doutrina católica acerca da forma da sagrada Comunhão segundo o Concílio de Trento. Antes de mais devem ensinar que a fé católica ensina que, mesmo sob uma única espécie, é recebido o inteiro e o verdadeiro Sacramento que se recebe; e que quem receber uma só das duas espécies nem por isso deixa de obter qualquer graça necessária à salvação[104].

### **Incensação**

**276.** O queimar incenso ou a incensação exprime reverência e oração, como vem significado na Sagrada Escritura (cf. *Salmo* 140, 2; *Ap* 8,3).

Pode usar-se o incenso em qualquer forma de celebração da Missa:

- a) durante a procissão de entrada;
- b) no princípio da Missa, para incensar a cruz e o altar;
- c) na procissão e proclamação do Evangelho;

d) depois de colocados o pão e o cálice sobre o altar, para incensar as oblatas, a cruz, o altar, o sacerdote e o povo;

e) à ostensão da hóstia e do cálice, depois da consagração.

**277.** O sacerdote, ao pôr o incenso no turíbulo, benze-o com um sinal da cruz, sem dizer nada.

Antes e depois da incensação, faz-se uma inclinação profunda para a pessoa ou coisa incensada, excepto ao altar e às oblatas para o sacrifício da Missa.

Incensam-se com três ductos do turíbulo: o Santíssimo Sacramento, as relíquias da santa Cruz e as imagens do Senhor expostas à veneração pública, as oblatas para o sacrifício da Missa, a cruz do altar, o Evangeliário, o círio pascal, o sacerdote e o povo.

Com dois ductos incensam-se as relíquias e imagens dos Santos expostas à veneração pública, e só no início da celebração, quando se incensa o altar.

A incensação do altar faz-se com simples ictus do seguinte modo:

a) se o altar está separado da parede, o sacerdote incensa-o em toda a volta;

b) se o altar não está separado da parede, o sacerdote incensa-o primeiro do lado direito e depois do lado esquerdo.

Se a cruz está sobre o altar ou junto dele, é incensada antes da incensação do altar; aliás, é incensada quando o sacerdote passa diante dela.

O sacerdote incensa as oblatas com três ductos do turíbulo, antes de incensar a cruz e o altar, ou fazendo, com o turíbulo, o sinal da cruz sobre as oblatas.

Cristo, recordando de modo particular a sua bem-aventurada e gloriosa ressurreição e ascensão aos Céus.

f) Oblação: neste memorial, a Igreja, de modo especial, e nesse momento e nesse lugar está reunida, oferece ao Espírito Santo, a hóstia imaculada. A Igreja deseja que não somente ofereçam a hóstia imaculada, mas aprendam também a si mesmos<sup>[71]</sup> e, por Cristo mediador, se esforçam de dia para dia a unidade perfeita com Deus e entre si, a fim de que Deus seja tudo em todos<sup>[72]</sup>.

g) Intercessões: por elas se exprime que a Eucaristia é celebrada em comunhão com toda a Igreja, tanto do Céu como da terra. A oblação é feita em proveito dela e de todos os seus membros vivos e defuntos, chamados todos a tomar parte na redenção e salvação pelo Corpo e Sangue de Cristo.

h) Doxologia final: exprime a glorificação de Deus Pai, Filho e Espírito Santo, concluída pela aclamação *Amen* do povo.

### **Rito da Comunhão**

**80.** A celebração eucarística é um banquete pascal, e, por isso, que os fiéis, devidamente preparados, nela recebem o mandato do Senhor, o seu Corpo e Sangue como alimento. Esta é a finalidade da fracção e dos outros ritos preparatórios. Os fiéis, de forma mais imediata, para a Comunhão.

### **Oração dominical**

**81.** Na Oração dominical pede-se o pão de cada dia, e os cristãos evoca principalmente o pão eucarístico; igualmente, a purificação dos pecados, de modo que efectivamente “as orações sejam dadas aos santos”. O sacerdote formula o convite à oração e todos os fiéis recitam juntamente com ele. Então o sacerdote faz o embolismo, que o povo conclui com uma doxologia. O embolismo é o desenvolvimento da última petição da oração dominical; nele toda a comunidade dos fiéis a libertação do poder do mal.

O convite, a oração, o embolismo e a doxologia com o povo, devem ser cantados ou recitados em voz alta.

#### Rito da paz

**82.** Segue-se o rito da paz, no qual a Igreja implora a paz e a unidade para si própria e para toda a família humana, e os fiéis exprimem uns aos outros a comunhão eclesial e a caridade mútua, antes de comungarem no Sacramento.

Quanto ao próprio sinal com que se dá a paz, as Conferências Episcopais determinarão como se há-de fazer, tendo em conta a mentalidade e os costumes dos povos. Mas é conveniente que cada um dê a paz com sobriedade apenas aos que estão mais perto de si.

#### Fracção do pão

**83.** O sacerdote parte o pão eucarístico. O gesto da fracção, praticado por Cristo na última Ceia, e que serviu para designar, nos tempos apostólicos, toda a acção eucarística, significa que os fiéis, apesar de muitos, se tornam um só Corpo, pela Comunhão do mesmo pão da vida que é Cristo, morto e ressuscitado pela salvação do mundo (1 Cor 10, 17). A fracção começa depois de se dar a paz e realiza-se com a devida reverência, mas não se deve prolongar desnecessariamente nem se lhe deve atribuir uma importância excessiva. Este rito é reservado ao sacerdote e ao diácono.

Enquanto o sacerdote parte o pão e deita uma parte da hóstia no cálice, a *schola* ou um cantor canta ou pelo menos recita em voz alta a invocação Cordeiro de Deus, a que todo o povo responde. A invocação acompanha a fracção do pão, pelo que pode repetir-se o número de vezes que for preciso, enquanto durar o rito. Na última vez conclui-se com as palavras: *Dai-nos a paz*.

#### Comunhão

**84.** O sacerdote prepara-se para receber frutuamente o Corpo e Sangue de Cristo rezando uma oração em silêncio. Os fiéis fazem o mesmo orando em silêncio.

as Conferências Episcopais substituí-lo por outro com o consentimento da Sé Apostólica.

#### Genuflexão e inclinação

**274.** A genuflexão, que se faz dobrando o joelho diante do Santíssimo, significa adoração; é por isso reservada ao Santíssimo Sacramento, à santa Cruz desde a solene adoração na Acção litúrgica da Paixão do Senhor, até ao início da Vigília pascal.

Na Missa, o sacerdote celebrante faz três genuflexões: antes da ostensão da hóstia, após a ostensão do cálice e antes da comunhão. As peculiaridades a observar na Missa concelebrada indicam-se nos números respectivos (cf. nn. 210-251).

Mas, se o sacrário com o Santíssimo Sacramento estiver no presbitério, o sacerdote, o diácono e os outros ministros devem, quando chegam ao altar, ou quando se afastam dele, não fazer genuflexão à própria celebração da Missa.

Aliás, todos os que passam diante do Santíssimo Sacramento devem fazer genuflexão a não ser quando se vai em procissão.

Os ministros que levam a cruz processional ou os ministros que genuflectem fazem uma inclinação de cabeça.

**275.** A inclinação significa a reverência e a honra devidas às próprias pessoas ou aos seus símbolos. As inclinações são de duas espécies: inclinação de cabeça e inclinação do corpo.

a) A inclinação de cabeça faz-se ao nomear as três pessoas da Santíssima Trindade conjuntamente, ao nome de Jesus, da Virgem Santa Maria e do Anjo, cuja honra é celebrada a Missa.

b) A inclinação do corpo, ou inclinação profunda, faz-se durante as orações *Purificai o meu coração* (Munda cor meum), *Humilhado* (In spiritu humilitatis); no Símbolo às palavras *Et in Spiritu Santo* (Et incarnatus est); no Cântone Romano *Humildemente Vos suplicamos* (Supplices te rogamus). Também se faz inclinação profunda ao pedir a bênção, antes da leitura do Evangelho. Além disso, o sacerdote faz uma pequena inclinação de cabeça ao dizer as palavras do Senhor, na consagração.

**268.** Depois da immixtio, o sacerdote diz em silêncio a oração: *Senhor Jesus Cristo, Filho de Deus vivo* (Dómine Iesu Christe, Fili Dei vivi) ou *A comunhão* (Percéptio). A seguir genuflecte, toma a hóstia e, voltado para o ministro, se este comunga, diz, levantando um pouco a hóstia sobre o cálice: *Felizes os convidados... Eis o Cordeiro de Deus* (Ecce Agnus Dei... Beáti qui ad cenam Agni); e, juntamente com o ministro, diz uma vez: *Senhor, eu não sou digno* (Dómine, non sum dignus). E, voltando-se para o altar, comunga o Corpo de Cristo. Se o ministro não recebe a Comunhão, o sacerdote, depois de fazer a genuflexão, toma a hóstia e diz, uma vez, em silêncio, voltado para o altar: *Senhor, eu não sou digno* (Dómine, non sum dignus), e o *Corpo de Cristo guarde* (Corpus Christi custódiat) e comunga o Corpo de Cristo. Em seguida, toma o cálice e diz em silêncio: *O sangue de Cristo me guarde para a vida eterna* (Sanguis Christi custódiat me) e comunga o Sangue.

**269.** Antes de dar a Comunhão ao ministro, o sacerdote recita a antífona da Comunhão.

**270.** O sacerdote purifica o cálice ao lado do altar ou na credência. Se o cálice for purificado no altar, o ministro pode levá-lo depois para a credência, ou pode repô-lo no lado do altar.

**271.** Depois da purificação do cálice, é conveniente que o sacerdote guarde uns momentos de silêncio. Em seguida, diz a oração depois da Comunhão.

#### *Ritos de conclusão*

**272.** Nos ritos de conclusão procede-se como na Missa com participação do povo, mas omite-se a despedida: *Ide em paz* (Ite, missa est). O sacerdote beija o altar em sinal de veneração, como é costume, e, depois de fazer uma inclinação profunda com o ministro, retira-se.

#### **IV. Algumas normas gerais para todas as formas de celebração da Missa**

##### ***Veneração do altar e do Evangeliário***

**273.** Segundo o costume tradicional, a veneração do altar e do Evangeliário é significada pelo ósculo. Todavia, nos países em que este sinal de veneração destoa das tradições e mentalidade dos povos, podem

Depois o sacerdote mostra aos fiéis o pão eucarístico sobre a patena ou sobre o cálice e convida-os para o banquete eucarístico. Juntamente com os fiéis, faz um acto de humildade, utilizando as palavras evangélicas prescritas.

**85.** É muito para desejar que os fiéis, tal como o sacerdote, ao fazer, recebam o Corpo do Senhor com hóstias consagradas. Na Missa e, nos casos previstos, participem do cálice (cf. n. 282). Se a Comunhão se manifeste, de forma mais clara, nos próprios momentos de participação no sacrifício que está a ser celebrado [73].

**86.** Enquanto o sacerdote toma o Sacramento, dá-se a Comunhão, que deve exprimir, com a unidade das hóstias e do cálice, o espírito dos comungantes, manifestar a alegria do coração e o melhor o carácter «comunitário» da procissão daqueles que recebem a Eucaristia. O cântico prolonga-se enquanto se ministra o Sacramento [74]. Se se canta um hino depois da Comunhão, a Comunhão deve terminar a tempo.

Procure-se que também os cantores possam comungar e cantar comodamente.

**87.** Como cântico da Comunhão pode utilizar-se ou a antífona do Gradual Romano, com ou sem o salmo correspondente, ou o Gradual simples com o respectivo salmo, ou outro cântico aprovado pela Conferência Episcopal. Pode ser cantado pelo coro ou pela *schola* ou por um cantor juntamente com o povo.

Se, porém, não se canta, a antífona que vem no final da Comunhão é recitada ou pelos fiéis, ou por alguns deles, ou por um leitor, ou pelo próprio sacerdote depois de ter comungado e antes de se retirar aos fiéis.

**88.** Terminada a distribuição da Comunhão, o sacerdote pode, conforme a oportunidade, orar alguns momentos em silêncio. Se quiser, também pode ser cantado por toda a assembleia um outro cântico de louvor ou um hino.

**89.** Para completar a oração do povo de Deus e concluir a Comunhão, o sacerdote diz a oração depois da Comunhão, na qual implora os frutos do mistério celebrado.

Na Missa diz-se uma só oração depois da Comunhão, que termina com a conclusão breve, isto é:



- se a oração se dirige ao Pai: *Per Christum Dóminum nostrum*;
  - se se dirige ao Pai mas no fim da oração se menciona o Filho: *Qui vivit et regnat in saecula saeculorum*;
  - se se dirige ao Filho: *Qui vivis et regnas in saecula saeculorum*.
- O povo faz sua esta oração por meio da aclamação: *Amen*.  
(V. nota no final do n. 54).

#### D) Rito de conclusão

- 90.** O rito de conclusão consta de:
- a) Notícias breves, se forem necessárias;
  - a) Saudação e bênção do sacerdote, a qual, em certos dias e em ocasiões especiais, é enriquecida e amplificada com uma oração sobre o povo ou com outra fórmula mais solene de bênção.
  - b) Despedida da assembleia, feita pelo diácono ou sacerdote;
  - c) Beijo no altar por parte do sacerdote e do diácono e depois inclinação profunda ao altar por parte do sacerdote, do diácono, e dos outros ministros.



### CAPÍTULO III

#### OFÍCIOS E MINISTÉRIOS NA MISSA

- 91.** A celebração eucarística é acção de Cristo e da Igreja, que é «sacramento de unidade», ou seja povo santo reunido e ordenado sob a orientação do bispo. Por isso pertence a todo o Corpo da Igreja, manifestado e afecta-o; no entanto, envolve cada membro de modo diverso, segundo a diversidade das ordens, das funções e da efectiva participação<sup>[75]</sup>.

- 258.** Então lê a antífona de entrada e diz: *Senhor, tórnos* (Kýrie) e Glória, conforme as rubricas.

- 259.** Depois, de mãos juntas, diz: *Oremos* (Orémus). Em certos momentos de silêncio, diz a oração colecta, de braços abertos; o ministro aclama: *Amen*.

#### Liturgia da palavra

- 260.** As leituras, na medida do possível, proferem-se em silêncio.

- 261.** Terminada a oração, o ministro lê a primeira leitura; quando a houver, também a segunda leitura, com o versículo e outro cântico.

- 262.** Depois o sacerdote diz, inclinado: *Purificai o meu coração* (e lê o Evangelho. No fim diz: *Palavra da salvação* (Dómini); ao que o ministro responde: *Glória a Vós, Senhor Jesus Cristo*). Então o sacerdote beija o livro em sinal de veneração e em silêncio: *Por este santo Evangelho* (Per evangélica dicitur).

- 263.** A seguir, o sacerdote, juntamente com o ministro, diz a oração de intercessão, conforme as rubricas.

- 264.** Segue-se a oração universal, que também nestes dias se diz. O sacerdote enuncia as intenções e o ministro responde.

#### Liturgia Eucarística

- 265.** Na liturgia eucarística faz-se tudo como na Missa, com excepção do que se segue.

- 266.** Após a aclamação final do embolismo, que se faz no domingo, o sacerdote diz a oração: *Senhor Jesus Cristo, Deus verdadeiro* (Dómine Iesu Christe, qui dixísti); depois acrescenta: *A paz esteja sempre convosco* (Pax Dómini sit semper vobis). O ministro responde: *O amor de Cristo nos uniu* (Et cum sicut oportuno, o sacerdote dá a paz ao ministro).

- 267.** Depois, enquanto diz com o ministro: *Cordeiro de Deus* (Agnus Dei), parte a hóstia sobre a patena. Terminado o *Cordeiro de Deus*, faz a immixtio, dizendo em silêncio: *Esta união* (Haec unio).

**250.** Tudo o mais, até ao fim da Missa, é feito pelo celebrante principal na forma habitual (cf. nn. 166-169), permanecendo os outros concelebrantes nos seus lugares.

**251.** Antes de se retirarem, fazem todos uma inclinação profunda ao altar. O celebrante principal beija o altar em sinal de veneração.



### III. Missa com a assistência de um só ministro

**252.** Na Missa celebrada pelo sacerdote, com a assistência de um só ministro que lhe responde, segue-se o rito da Missa com o povo (cf. nn. 120-169); o ministro profere, eventualmente, as partes que correspondem ao povo.

**253.** Se o ministro é diácono, ele próprio realiza as funções que lhe competem (cf. nn. 171-186), e também as outras partes do povo.

**254.** Não se celebre sem a assistência de um ministro ou ao menos de algum fiel, a não ser por causa justa e razoável. Neste caso omitem-se as saudações, as admonições e a bênção do fim da Missa.

**255.** O cálice prepara-se antes da Missa, colocando-o na credência ou sobre o altar, no lado direito. O Missal, pode colocar-se oportunamente no lado esquerdo do altar.

#### Ritos iniciais

**256.** Feita uma inclinação profunda ao altar, o sacerdote, de pé, diante do altar, benze-se, dizendo: *Em nome do Pai* (In nómine Patris). Depois, voltando-se para o ministro, saúda-o, com uma das fórmulas habituais; e faz o acto penitencial.

**257.** Aproxima-se então do altar e beija-o em sinal de veneração, volta-se para o Missal, no lado esquerdo do altar, e aí permanece até ao fim da oração universal.

Deste modo, o povo cristão, «geração eleita, sacerdócio real, povo resgatado» manifesta o seu ordenamento coerente e orgânico. Por conseguinte, todos, ministros ordenados ou fiéis que desempenharem a sua função ou ofício, façam tudo o que compete[77].

### I. Ofícios da Ordem sacra

**92.** Toda a legítima celebração da Eucaristia é dirigida pessoalmente, quer pelos presbíteros, seus colaboradores

Sempre que o Bispo está presente na Missa com o povo, convém sumamente que seja ele próprio a celebrar a Eucaristia, associando a si os presbíteros, como concelebrantes, na alicutância. Isto faz-se, não para aumentar a solenidade externa, mas para tornar mais clara a forma mais clara o mistério da Igreja, que é sacramento de unidade.

Se, porém, o Bispo não celebrar a Eucaristia, mas apenas presidir a celebração, convém que seja ele, revestido de cruz e estola, com o pluvial sobre a alva, a presidir à liturgia da palavra e a dar o sinal da Missa[80].

**93.** O presbítero, que na Igreja, em virtude do poder sacro, está em condições de oferecer o sacrifício na pessoa de Cristo, também ele ao povo fiel reunido, dirige a sua oração, a sua palavra, a nova da salvação, associa a si o povo na oblação do sacrifício por Cristo, no Espírito Santo, distribui aos irmãos o pão da vida com eles participa do mesmo pão. Por isso, ao celebrar a Eucaristia, servir a Deus e ao povo com dignidade e humildade e, sobretudo, se comportar como no de proferir as palavras divinas, e dar aos fiéis a presença viva de Cristo.

**94.** Depois do presbítero, por força da ordenação recebida, ocupa o primeiro lugar entre aqueles que servem a Eucaristia eucarística. Com efeito, a sagrada Ordem do diaconado foi dada em especial consideração na Igreja desde os primeiros tempos. São funções próprias do diácono, na Missa: proclamar o Evangelho, eventualmente, pregar a palavra de Deus, enunciar as intenções da oração universal, assistir ao sacerdote, preparar o altar e servir o sacerdote no sacrifício, distribuir a Eucaristia aos fiéis, particularmente o vinho e eventualmente indicar ao povo os gestos e atitude

## II. Funções do povo de Deus

**95.** Na celebração da Missa, os fiéis constituem a nação santa, o povo resgatado, o sacerdócio real, para dar graças a Deus e oferecer a hóstia imaculada, não só pelas mãos do sacerdote, mas também juntamente com ele, e para aprenderem a oferecer-se a si mesmos<sup>[83]</sup>. Procurem manifestar tudo isso com um profundo sentido religioso e com a caridade para com os irmãos que participam na mesma celebração.

Evitem, portanto, tudo quanto signifique singularidade ou divisão, tendo presente que são todos filhos do mesmo Pai que está nos Céus e, conseqüentemente, irmãos todos uns dos outros.

**96.** Portanto, formem todos um só corpo, quer ouvindo a palavra de Deus, quer participando nas orações e no canto, quer sobretudo na comum oblação do sacrifício e na comum participação da mesa do Senhor. Esta unidade manifesta-se em beleza nos gestos e atitudes corporais que os fiéis observam todos juntamente.

**97.** Os fiéis não recusem servir com alegria o povo de Deus, sempre que forem solicitados para desempenhar qualquer especial ministério ou função na celebração.

### III. Ministérios especiais

#### Ministério instituídos do acólito e do leitor

**98.** O acólito é instituído para o serviço do altar e para ajudar o sacerdote e o diácono. Compete-lhe, como função principal, preparar o altar e os vasos sagrados e, se for necessário, distribuir aos fiéis a Eucaristia, de que é ministro extraordinário<sup>[84]</sup>.

No ministério do altar, o acólito tem funções próprias (cf. nn. 187-193), que ele mesmo deve exercer.

purifica-o como de costume, limpa-o e deixa-o devidamente (cf. n. 183).

**248.** A Comunhão dos concelebrantes também pode ser feita no modo que se aproximem do altar um por um e aí comunguem com o Senhor e logo a seguir o Sangue.

Neste caso, o celebrante principal comunga sob a forma habitual (cf. n. 158); mas comunga do cálice se o modo tiver sido escolhido, em cada caso, para os outros concelebrantes.

Depois de o celebrante principal ter comungado, o diácono comunga sob outro corporal no lado do altar. Os concelebrantes, ao meio do altar, genuflectem e comungam o Corpo do Senhor depois para o lado do altar e ali comungam o Sangue do Senhor pelo modo escolhido para a Comunhão do cálice, como acima.

A Comunhão do diácono e a purificação do cálice seguem-se, como acima ficou dito.

**249.** Quando a Comunhão dos concelebrantes se faz sob a forma habitual, o celebrante principal toma o Corpo e o Sangue do Senhor sob a forma habitual; mas terá o cuidado de deixar no cálice o Sangue para a Comunhão dos concelebrantes. Em seguida o diácono comunga com os concelebrantes, põe o cálice sobre outro corporal, no mesmo lado, e junto do cálice a patena com as hóstias.

Os concelebrantes, um por um, vão ao altar, genuflectem, molham a hóstia, molham-na parcialmente no cálice e comungam, comungando por baixo da boca. A seguir, voltam para os lugares que lhes são atribuídos no princípio da Missa.

O diácono comunga também por intinção, comungando com o celebrante, que lhe diz: *O Corpo e o Sangue de Cristo* (ou *Sanguis Christi*), ao que ele responde: *Amen*. Depois, ao diácono resta o Sangue que resta, ajudado, se for preciso, por alguns concelebrantes, o cálice para a credência e ali, ele ou um acólito instituído para este fim, do modo habitual, limpa-o e deixa-o devidamente arranjado.

### Ritos de conclusão

**243.** Depois o celebrante principal toma a hóstia consagrada nessa Missa, levanta-a um pouco sobre a patena ou sobre o cálice e, voltado para o povo, diz: *Felizes os convidados... Eis o Cordeiro de Deus* (Ecce Agnus Dei... Beáti qui ad cenam); em seguida, continua, juntamente com os concelebrantes e o povo: *Senhor, eu não sou digno* (Dómine, non sum dignus).

**244.** Depois o celebrante principal, voltado para o altar, diz em silêncio: *O Corpo de Cristo me guarde para a vida eterna* (Corpus Christi custódiat me in vitam aeternam); e comunga com reverência o Corpo de Cristo. O mesmo fazem os concelebrantes, que comungam por si mesmos. Depois deles, o diácono recebe do celebrante principal o Corpo do Senhor.

**245.** O Sangue do Senhor pode comungar-se bebendo directamente do cálice, ou por intinção, ou por meio de uma cânula, ou por meio de uma colherinha.

**246.** Se a Comunhão se faz bebendo directamente do cálice, pode adoptar-se um dos seguintes modos:

a) O celebrante principal toma o cálice e diz em silêncio: *O Sangue de Cristo me guarde para a vida eterna* (Sanguis Christi custodiat me in vitam aeternam); bebe um pouco de Sangue e entrega o cálice ao diácono ou a um dos concelebrantes. Em seguida, distribui a Comunhão aos fiéis (cf. nn. 160-162).

Os concelebrantes, um após outro, ou dois a dois, se há dois cálices, vão ao altar, genuflectem, bebem o Sangue, limpam os bordos do cálice e retiram-se para os seus lugares.

b) O celebrante principal comunga o Sangue do Senhor na forma habitual, ao meio do altar.

Os concelebrantes, porém, podem comungar o Sangue do Senhor nos seus lugares, bebendo do cálice que lhes é apresentado pelo diácono ou por um dos concelebrantes; ou então passam eles mesmos o cálice uns aos outros. O cálice é limpo de cada vez, ou por quem dele bebe ou por quem lho apresenta; à medida que vão comungando, os concelebrantes regressam aos seus lugares.

**247.** O diácono, ao altar, bebe reverentemente tudo o que resta do Sangue de Cristo, ajudado, se for preciso, por alguns concelebrantes; depois leva o cálice para a credência e aí, ele ou um acólito instituído,

**99.** O leitor é instituído para fazer as leituras da Sagrada Escritura, com excepção do Evangelho. Pode também propor as intercessões, de carácter universal e ainda, na falta de salmista, recitar o salmo entrado.

Na celebração eucarística o leitor tem uma função importante (cf. nn. 194-198) e que ele deve exercer por si mesmo, e não por presentes ministros ordenados.

As outras funções

**100.** Na falta de acólito instituído, podem ser designados ministros leigos do altar e para ajudar o sacerdote e o diácono ministros leigos para a cruz, os círios, o turíbulo, o pão, o vinho e a água; também podem ser designados ministros leigos para distribuir a sagrada Comunhão e ministros extraordinários<sup>[85]</sup>.

**101.** Na falta de leitor instituído, podem ser designados ministros leigos para proclamar as leituras da sagrada Escritura, desde que sejam realmente aptos para o desempenho desta função e tenham sido cuidadosamente preparados, de tal modo que, pela escuta das palavras divinas, os fiéis desenvolvam no seu coração um afecto vivo para a sagrada Escritura<sup>[86]</sup>.

**102.** Compete ao salmista proferir o salmo ou o cântico cantado entre as leituras. Para desempenhar bem a sua função, o salmista deve ser competente na arte de salmodiar e dotado de uma pronúncia correcta e dicção perfeita.

**103.** Entre os fiéis exerce um próprio ofício litúrgico a corista ou o grupo coral, a quem compete executar devidamente diversos géneros de cânticos, as partes musicais que lhes são atribuídas e animar a participação activa dos fiéis no canto<sup>[87]</sup>. O ofício da *schola cantorum* aplica-se também, nas devidas proporções, aos músicos e de modo particular ao organista.

**104.** É conveniente que haja um cantor ou cantora encarregado de dirigir e sustentar o canto do povo. Na falta de cantor ou cantora, compete-lhe dirigir os diversos cânticos, fazendo o povo participar no canto que lhe corresponde<sup>[88]</sup>.

**105.** Também exercem uma função litúrgica:

a) O sacristão, que prepara com diligência os livros litúrgicos, os paramentos e tudo o que é preciso para a celebração da Missa.

b) O comentador, incumbido de fazer aos fiéis, se for oportuno, breves explicações e admoções, a fim de os introduzir na celebração e os dispor a compreendê-la melhor. As admoções do comentador devem ser cuidadosamente preparadas e muito sóbrias. No desempenho da sua função, o comentador deve colocar-se em lugar adequado, à frente dos fiéis, mas não no ambão.

c) Os encarregados de fazer na igreja a recolha das ofertas.

d) Aqueles que, em certas regiões, são encarregados de receber os fiéis à porta da igreja, de os conduzir aos seus lugares e de ordenar as suas procissões.

**106.** É conveniente, pelo menos nas igrejas catedrais e nas de maior importância, que haja um ministro competente ou mestre de cerimónias, responsável pelo bom ordenamento das acções sagradas, ao qual pertence velar para que as mesmas sejam executadas pelos ministros sagrados e fiéis leigos com dignidade, ordem e piedade.

**107.** As funções litúrgicas, que não são próprias do sacerdote ou do diácono, e das quais se tratou acima (nn. 100-106), também podem ser confiadas a leigos idóneos, escolhidos pelo pároco ou reitor da igreja, mediante uma bênção litúrgica ou por nomeação temporária. Quanto à função de servir o sacerdote ao altar, observem-se as determinações dadas pelo Bispo para a sua diocese.

#### **IV. A distribuição das funções e a preparação da celebração**

**108.** Um só e o mesmo sacerdote deve exercer a função presidencial sempre e em todas as suas partes, com excepção das que são próprias do Bispo na Missa em que este estiver presente (cf. acima n. 92).

**109.** Se estão presentes várias pessoas que podem exercer o mesmo ministério, nada obsta a que distribuam e desempenhem entre si as diversas partes desse ministério ou ofício. Por exemplo: pode um diácono encarregar-se das partes cantadas e outro diácono servir ao altar; quando há mais que uma leitura, é preferível confiá-las a diversos leitores; e assim noutros casos. Mas não é conveniente que vários ministros dividam entre

**234.** As intercessões: *Lembrai-Vos agora, Senhor Deus* (Dómine, ómnium recordáre) convém confiá-las a um dos ministros que as dirá sozinho, de braços abertos.

**235.** Quanto às outras Orações Eucarísticas aprovadas, observem-se as normas estabelecidas para cada uma delas.

**236.** A doxologia final da Oração eucarística é dita pelo celebrante principal juntamente com todos os outros concelebrantes e ministros fiéis.

#### *Ritos da Comunhão*

**237.** O celebrante principal, de mãos juntas, diz a admoção que antecede a oração dominical e depois, de mãos abertas, juntamente com os outros concelebrantes, que também abrem as mãos com o povo, diz a oração dominical.

**238.** *Livrai-nos de todo o mal* (Libera nos, Dómine) é dita pelo celebrante principal, de braços abertos. Todos os ministros fiéis, juntamente com o povo, dizem a aclamação: *Vosso é o Reino* (Vos est regnum).

**239.** Após a admoção: *Saudai-vos na paz de Cristo* (Saudamini in pace), feita pelo diácono ou, na sua ausência, pelo celebrante principal, todos se dão mutuamente a paz. Os ministros próximos do celebrante principal recebem dele a paz, antes de se darem a paz uns aos outros.

**240.** Enquanto se diz o *Cordeiro de Deus* (Agnus Dei), alguns dos concelebrantes podem ajudar o celebrante principal a oferecer as hóstias para a Comunhão, tanto dos concelebrantes como do povo.

**241.** Após a immixtio, o celebrante principal diz sozinho a oração *Senhor Jesus Cristo, Filho de Deus vivo* (Dómine Deus Filius Dei vivi) ou *A comunhão do vosso Corpo e Sangue* (Percipite de hoc Corpore et Sanguine).

**242.** Terminada a oração antes da Comunhão, o celebrante principal genuflecte e afasta-se um pouco. Os concelebrantes, ministros e ministros fiéis, ao meio do altar, genuflectem e tomam com reverência o pão e o vinho com a mão direita, pondo por baixo dela a esquerda, e voltam para os seus lugares. Podem também ficar todos nos seus lugares e tomar o pão e o vinho de Cristo da patena que o celebrante principal (ou o ministro principal concelebrante) lhes apresenta; podem também passar a outros.



**230.** Desde *Humildemente Vos suplicamos, Senhor* (Súplices ergo te, Dómine) até *Olhai benignamente* (Réspice, quáesumus), todos os concelebrantes dizem tudo em simultâneo, deste modo:

a) *Humildemente Vos suplicamos* (Súplices ergo te, Dómine), com as mãos estendidas para as oblatas;

b) *Na noite em que Ele ia ser entregue* (Ipse enim in qua nocte tradebátur) e *De igual modo* (Símili modo), de mãos juntas;

c) as palavras do Senhor, se parecer oportuno, com a mão direita estendida para o pão e para o cálice; à ostensão, olham para a hóstia e para o cálice e fazem em seguida inclinação profunda;

d) *Celebrando agora, Senhor, o memorial* (Mémores ígitur) e *Olhai benignamente* (Réspice, quáesumus), de braços abertos.

**231.** As intercessões: *O Espírito Santo faça de nós* (Ipse nos) e *Por este sacrifício de reconciliação* (Haec hostia nostrae reconciliatiónis) convém confiá-las a um ou outro dos concelebrantes, que as dirá sozinho, de braços abertos.

#### **D) Oração eucarística IV**

**232.** Na Oração eucarística IV, as palavras *Nós Vos glorificamos, Pai santo* (Confitémur tibi, Pater sancte) até *e consumir toda a santificação* (omnem sanctificationem compléret) são ditas só pelo celebrante principal, de braços abertos.

**233.** Desde *Nós Vos pedimos, Senhor* (Quáesumus ígitur, Dómine) até *Olhai, Senhor, para esta oblação* (Réspice, Dómine) inclusive, todos os concelebrantes dizem tudo em simultâneo, deste modo:

a) *Nós Vos pedimos, Senhor* (Quáesumus ígitur, Dómine), com as mãos estendidas para as oblatas;

b) *Quando chegou a hora* (Ipse enim, cum hora venisset) e *De igual modo* (Símili modo), de mãos juntas;

c) as palavras do Senhor, se parecer oportuno, com a mão direita estendida para o pão e para o cálice; à ostensão, olham para a hóstia e para o cálice e fazem em seguida inclinação profunda;

d) *Celebrando agora, Senhor* (Unde et nos) e *Olhai, Senhor* (Réspice, Dómine), de braços abertos.

si um único elemento da celebração: *p. ex.* a mesma leitura, um após o outro, a não ser que se trate da Paixão do Senhor.

**110.** Quando na Missa com o povo há um só ministro, este desempenha as diversas funções.

**111.** Sob a orientação do reitor da igreja, deve fazer-se a prática de cada celebração litúrgica, segundo os livros litúrgicos, com diligente cooperação de todos os que nela são chamados. No que se refere aos ritos como no aspecto pastoral e ministerial, devem ser ouvidos também os fiéis naquilo que lhes diz directamente o sacerdote que preside à celebração conserva sempre o direito de tudo aquilo que for da sua competência.



## **CAPÍTULO IV**

### **AS DIVERSAS FORMAS DE CELEBRAÇÃO DA MISSA**

**112.** Na Igreja local dê-se o primeiro lugar, em razão do seu carácter, à Missa presidida pelo Bispo rodeado do seu presbitério e de ministros leigos<sup>[90]</sup>, com participação plena e activa de todos os membros de Deus. É nesta Missa que se realiza a principal manifestação da presença de Deus.

Na Missa celebrada pelo Bispo, ou na qual ele esteja presente, celebrar a Eucaristia, observem-se as normas que se encontram no Cerimonial dos Bispos<sup>[91]</sup>.

**113.** Tenha-se igualmente em grande apreço a Missa celebrada por uma comunidade, sobretudo com a comunidade paroquial, e, em efeito, principalmente na celebração comunitária do domínio da Igreja universal num determinado tempo e lugar<sup>[92]</sup>.

**114.** Entre as Missas celebradas por certas comunidades, de relevo a Missa conventual que faz parte do Ofício divino, chamada Missa “da Comunidade”. Ainda que tais Missas sejam uma forma especial de celebração, é todavia da máxima importância.

celebrem com canto e, sobretudo, com a plena participação de todos os membros da comunidade, seja de religiosos seja de cônegos. Cada um deve exercer nestas Missas a função que lhe é própria, segundo a Ordem ou ministério em que está investido. Convém, por isso, que, na medida do possível, todos os presbíteros não obrigados a celebrar individualmente para utilidade pastoral dos fiéis concelebrem nestas Missas. Mais ainda, todos os sacerdotes pertencentes à comunidade que, por dever de ofício, tenham de celebrar individualmente para utilidade pastoral dos fiéis, podem concelebrar no mesmo dia na Missa conventual ou “da Comunidade”<sup>[93]</sup>. Convém, assim, que os presbíteros presentes na celebração eucarística, a menos de justa causa, exerçam habitualmente a função própria da sua ordem e, portanto, participem como concelebrantes, revestidos das vestes sagradas.

### I. Missa com o povo

**115.** Entende-se por Missa com o povo a que é celebrada com participação dos fiéis. Na medida do possível, convém que esta Missa, especialmente nos domingos e festas de preceito, seja celebrada com canto e com número adequado de ministros<sup>[94]</sup>. Pode, todavia, celebrar-se também sem canto e com um só ministro.

**116.** Em qualquer celebração da Missa, estando presente um diácono, este deve nela desempenhar o seu ministério. Convém ainda que o sacerdote celebrante seja assistido normalmente por um acólito, um leitor e um cantor. O rito adiante descrito prevê, no entanto, a possibilidade de maior número de ministros.

Coisas a preparar

**117.** O altar deve ser coberto pelo menos com uma toalha de cor branca. Sobre o altar ou perto dele, dispõem-se, em qualquer celebração, pelo menos dois castiçais com velas acesas, ou quatro ou seis, sobretudo no caso da Missa dominical ou festiva de preceito, e até sete, se for o Bispo diocesano a celebrar. Igualmente, sobre o altar ou perto dele, haja

**223.** Convém confiar as partes *Lembrai-Vos, Senhor* (por quem haec omnes) e *E a nós, pecadores* (Nobis quoque peccatoribus) dos concelebrantes, que as dirá sozinho, de braços abertos.

**224.** Às palavras *E a nós, pecadores* (Nobis quoque peccatoribus) todos os concelebrantes batem no peito.

**225.** *Por Cristo, nosso Senhor* (per quem haec omnes) é dito pelo celebrante principal.

### B) Oração eucarística II

**226.** Na Oração eucarística II, *Vós, Senhor, sois Santo* (Vere Sanctus) é dito só pelo celebrante principal, de braços abertos.

**227.** Desde *Santificai estes dons* (Haec ergo dona) a *Vos suplicamos* (Et súpplices), todos os concelebrantes participam da oração de modo simultâneo, deste modo:

a) *Santificai estes dons* (Haec ergo dona), com as mãos abençoadas para as oblatas;

b) *Na hora em que Ele Se entregava* (Qui cum patre filio et spiritu sancto in unum deum et consubstantialem sibi et coeternum et coequalis sibi et consubstantialis sibi) (Símili modo), de mãos juntas;

c) as palavras do Senhor, se parecer oportuno, com as mãos estendidas para o pão e para o cálice; à ostensão, olham para o cálice e fazem em seguida inclinação profunda;

d) *Celebrando agora, Senhor o memorial* (Memoriam) *Humildemente Vos suplicamos* (Et súpplices), de braços abertos.

**228.** As intercessões pelos vivos: *Lembrai-Vos, Senhor* (Lembrai-Vos, Domine) e pelos defuntos: *Lembrai-Vos também dos defuntos* (Meménto étiam fratrum nostrórum) convém confiá-las a todos os concelebrantes, que as dirá sozinho, de braços abertos.

### C) Oração eucarística III

**229.** Na Oração eucarística III, *Vós, Senhor, sois Santo* (Vere Sanctus) é dito só pelo celebrante principal, de braços abertos.

baixa, de modo a que se ouça claramente a voz do celebrante principal. Deste modo, o povo pode perceber mais facilmente o texto.

As fórmulas a dizer simultaneamente por todos os concelebrantes, e que vêm musicadas no Missal, é de louvar que sejam proferidas com canto.

#### **A) Oração eucarística I, ou Cânone Romano**

**219.** Na Oração eucarística I, ou Cânone Romano, só o celebrante principal diz, de braços abertos, *Pai de infinita misericórdia* (Te igitur).

**220.** Convém confiar as partes *Lembrai-vos, Senhor* (Memento dos vivos) e *Em comunhão com toda a Igreja* (Communicantes) a um ou outro dos sacerdotes concelebrantes, que dirá sozinho estas preces, de braços abertos e em voz alta.

**221.** De novo, só o celebrante principal diz, de braços abertos, *Aceitai benignamente, Senhor* (Hanc igitur).

**222.** Desde *Santificai, Senhor* (Quam oblationem) até *Humildemente Vos suplicamos* (Supplices), o celebrante principal faz os gestos, e todos os concelebrantes dizem tudo ao mesmo tempo, deste modo:

a) *Santificai, Senhor* (Quam oblationem), com as mãos estendidas para as oblatas;

b) *Na véspera da sua paixão* (Qui pridie) e *De igual modo* (Símili modo), de mãos juntas;

c) as palavras do Senhor, se parecer oportuno, com a mão direita estendida para o pão e para o cálice; à ostensão, olham para a hóstia e para o cálice e fazem em seguida inclinação profunda;

d) *Celebrando agora o memorial* (Unde et memores) e *Olhai com benevolência* (Supra quae), de braços abertos;

e) *Humildemente Vos suplicamos* (Supplices), inclinados e de mãos juntas, até às palavras: *participando deste altar* (ex hac altaris participatióne); erguem-se em seguida e benzem-se às palavras: *alcancemos a plenitude das bênçãos do Céu* (omni benedictiõe caelésti et grátia repleámur).

uma cruz, com a imagem de Cristo crucificado. Os candelários ornada com a imagem de Cristo crucificado podem ser usados na procissão de entrada. Também se pode colocar o Evangelário, distinto do livro das outras leituras, a não ser que seja levado na procissão de entrada.

**118.** Preparam-se também:

a) Junto à cadeira do sacerdote: o Missal e, porventura, o canto;

b) No ambão: o leccionário;

c) Na credência: o cálice, o corporal, o sanguinho, a pala; a patena e as píxides, se forem necessárias. Na Comunhão do sacerdote que preside, do diácono, dos ministros, as galhetas com o vinho e a água, a não ser que todas estas coisas sejam trazidas pelos fiéis na altura da apresentação dos dons; o benzer, se se fizer a aspersão; a bandeja (ou patena) para os fiéis; e ainda o que for necessário para lavar as mãos.

É louvável cobrir o cálice com um véu, que pode ser de cor dia ou de cor branca.

**119.** Na sacristia preparam-se as vestes sagradas (cf. 282) do sacerdote, do diácono, e dos outros ministros, segundo as formas de celebração:

a) para o sacerdote: alva, estola e casula ou pianeta;

b) para o diácono: alva, estola e dalmática; esta, se não for usada, ou por motivo de menor solenidade, pode omitir-se;

c) para os outros ministros: alva ou outras vestes aprovadas<sup>[95]</sup>.

Todos os que vão revestidos de alva usam também o amito, salvo se não forem exigidos em virtude da forma da celebração.

Quando a entrada se faz com procissão, prepara-se o Evangelário; nos domingos e festas o turíbulo e a naveta; se usa o incenso; a cruz a levar na procissão e os candelários acesos.

#### **A) A Missa sem diácono**

### **Ritos iniciais**

**120.** Reunido o povo, o sacerdote e os ministros, revestidos com as vestes sagradas, encaminham-se para o altar por esta ordem:

- a) o turiferário com o turíbulo fumegante, se se usa o incenso;
- b) os ceroférários com os círios acesos, e entre eles um acólito ou outro ministro com a cruz;
- c) os acólitos e outros ministros;
- d) o leitor, que pode levar o Evangeliário um pouco elevado, não, porém, o Leccionário;
- e) o sacerdote que vai celebrar a Missa.

Se se usa o incenso, o sacerdote, antes de se iniciar a procissão de entrada, impõe incenso no turíbulo e benze-o com o sinal da cruz, sem dizer nada.

**121.** Enquanto a procissão se dirige para o altar, canta-se o cântico de entrada (cf. nn. 47-48).

**122.** Ao chegarem ao altar, o sacerdote e os ministros fazem uma inclinação profunda.

A cruz adornada com a imagem de Cristo crucificado e levada na procissão pode colocar-se junto do altar, para se tornar a cruz do altar, que deve ser apenas uma, ou então seja guardada; os candelabros, porém, colocam-se sobre o altar ou junto dele; o Evangeliário depõe-se sobre o altar.

**123.** O sacerdote aproxima-se do altar e venera-o com um beijo. Logo a seguir, se parecer oportuno, incensa a cruz e o altar, andando em volta dele.

**124.** Feito isto, o sacerdote vai para a cadeira. Terminado o cântico de entrada, sacerdote e fiéis, todos de pé, benzem-se com o sinal da cruz. O sacerdote diz: *Em nome do Pai e do Filho e do Espírito Santo* (In nomine Patris et Filii et Spiritus Sancti). O povo responde: *Amen*.

Em seguida, o sacerdote, voltado para o povo e abrindo os braços, saúda-o, utilizando uma das fórmulas propostas. Pode também o próprio

### **Liturgia da palavra**

**212.** Durante a liturgia da palavra, os concelebrantes ocupam lugares, sentados ou de pé, conforme estiver o celebrante principal.

Quando o Bispo preside, o presbítero que, diácono, proclamar o Evangelho, pede-lhe e recebe a bênção. O diácono faz na concelebração a que preside um presbítero.

**213.** Normalmente, faz a homilia o celebrante principal dos concelebrantes.

### **Liturgia eucarística**

**214.** A preparação dos dons (cf. nn. 139-145) é feita pelo celebrante principal, enquanto os outros concelebrantes permanecem em seus lugares.

**215.** Depois de o celebrante principal ter dito a oração eucarística e as oblatas, os concelebrantes aproximam-se do altar e disparam-se em redor, de tal forma, porém, que não dificultem o desempenho da acção sagrada seja facilmente vista pelos fiéis e não dificultem o acesso ao altar para o desempenho do seu ministério.

Se estiverem presentes sacerdotes concelebrantes, o celebrante principal realiza o seu ministério junto do altar, sempre que for possível, o cálice e o Missal. Contudo, tanto quanto possível, coloca-se atrás deles.

### **Modo de proferir a Oração eucarística**

**216.** O Prefácio é cantado ou dito só pelo celebrante principal. O Sanctus (Sanctus) é cantado ou recitado por todos os concelebrantes com o povo e a *schola*.

**217.** Terminado o *Santo* (Sanctus), os sacerdotes concelebrantes continuam a Oração eucarística na forma que adiante se indica, salvo indicação em contrário, são feitos só pelo celebrante principal.

**218.** As partes proferidas simultaneamente pelo celebrante principal e os concelebrantes, e principalmente as palavras da consagração, estão obrigados a dizer, devem ser recitadas pelos concelebrantes.

celebrar outra Missa para utilidade dos fiéis. O mesmo se diga, observadas as normas respectivas, das reuniões dos religiosos.

**205.** A Missa concelebrada, seja qual for a forma de que se revista, segue as normas a observar comumente (cf. nn. 112-198), com as particularidades ou alterações que a seguir se expõem:

**206.** Uma vez começada a Missa, ninguém, em caso algum, se junte ou seja admitido a concelebrar.

**207.** No presbitério devem preparar-se:

- a) assentos e livros para os sacerdotes concelebrantes;
- b) na credência: um cálice de tamanho suficiente, ou vários cálices.

**208.** Se na Missa concelebrada não estiver presente o diácono, as funções que lhe são próprias serão realizadas por um ou outro dos concelebrantes.

Se não estiverem presentes outros ministros, as partes que lhes pertencem podem ser entregues a outros fiéis idóneos; se assim não for, serão desempenhadas por alguns concelebrantes.

**209.** Os concelebrantes revestem-se, na sacristia ou noutra lugar apropriado, com as vestes sagradas que costumam usar quando celebram a Missa individualmente. Contudo, por justa causa, por exemplo, grande número de concelebrantes e falta de paramentos para todos, podem os concelebrantes, com excepção sempre do celebrante principal, revestir apenas a estola por cima da alva, sem a casula ou planeta.

#### **Ritos iniciais**

**210.** Estando tudo devidamente preparado, organiza-se a procissão na forma do costume, através da igreja, em direcção ao altar. Os sacerdotes concelebrantes vão à frente do celebrante principal.

**211.** Chegando ao altar, os concelebrantes e o celebrante principal fazem uma inclinação profunda, beijam o altar em sinal de veneração e vão ocupar os lugares que lhes estão destinados. O celebrante principal incensa a cruz e o altar, se parecer oportuno, e vai depois para a cadeira.

sacerdote ou outro ministro fazer aos fiéis uma brevíssimas palavras, na Missa desse dia.

**125.** Segue-se o acto penitencial. Depois canta-se ou diz-se o *tende piedade de nós* (Kýrie), segundo as rubricas (cf. n. 5).

**126.** Quando estiver prescrito, canta-se ou diz-se o *Gratias*.

**127.** A seguir, o sacerdote convida o povo à oração, com as mãos juntas: *Oremos* (Oremus). E todos, juntamente com o sacerdote, ficam em silêncio durante alguns momentos. Depois o sacerdote, de pé, diz a oração colecta; no fim, o povo aclama: *Amen*.

#### **Liturgia da palavra**

**128.** Terminada a oração colecta, todos se sentam. O sacerdote, com brevíssimas palavras, introduz os fiéis na liturgia da palavra. Entretanto, o leitor vai ao ambão e, a partir do leccionário da Missa, proclama a primeira leitura, que todos escutam em silêncio. Depois profere a aclamação: *Palavra do Senhor* (Verbum Domini). Todos respondem: *Graças a Deus* (Deo Gratias).

Pode então observar-se, se for oportuno, um breve momento de silêncio, para que todos meditem brevemente no que ouviram.

**129.** Depois, o salmista ou o próprio leitor recita o versículo, ao qual o povo responde habitualmente com o refrão.

**130.** Se há segunda leitura antes do Evangelho, o leitor vai ao ambão. Todos escutam em silêncio e no fim respondem com o refrão, como acima se disse (n. 128). A seguir, se for oportuno, há um breve espaço de silêncio.

**131.** Depois todos se levantam e canta-se o Aleluia, conforme o tempo litúrgico (cf. nn. 62-64).

**132.** Enquanto se canta o Aleluia ou o outro cântico, o sacerdote impõe e benze o incenso, quando se usa. De seguida, o sacerdote inclinado diante do altar, de mãos juntas, diz em silêncio: *Munda cor meum*.

**133.** Toma então o Evangeliário, se está sobre o altar, ou o ambão, levando o Evangeliário um pouco elevado, e os ministros leigos, que podem levar o turíbulo e os círios.



voltam-se para o ambão, manifestando uma especial reverência ao Evangelho de Cristo.

**134.** Tendo chegado ao ambão, o sacerdote abre o livro e, de mão juntas, diz: *O Senhor esteja convosco* (Dominus vobiscum); o povo responde: *Ele está no meio de nós* (Et cum spiritu tuo), e a seguir *Evangelho de Nosso Senhor...* (Lectio sancti Evangelii...), fazendo o sinal da cruz sobre o livro e sobre si mesmo na fronte, na boca e no peito, e todos fazem o mesmo. O povo aclama, dizendo: *Glória a Vós, Senhor* (Gloria tibi, Domine). Depois, se se usa o incenso, o sacerdote incensa o livro (cf. nn. 276-277). A seguir proclama o Evangelho, e no fim diz a aclamação: *Palavra da salvação* (Verbum Domini). Todos respondem: *Glória a Vós, Senhor* (Laus tibi, Christe). O sacerdote beija o livro, dizendo em silêncio: *Por este santo Evangelho* (Per evangelica dicta...).

**135.** Se não há leitor, é o próprio sacerdote que de pé proclama, no ambão, todas as leituras e o salmo. Ali também, se se usa o incenso, impõe incenso e benze-o, e, profundamente inclinado, diz: *Purificai o meu coração* (Munda cor meum).

**136.** O sacerdote, em pé, da cadeira ou do próprio ambão, ou, se for oportuno, noutro lugar conveniente, faz a homilia. Terminada a homilia, pode observar-se, se for oportuno, um espaço de silêncio.

**137.** O Símbolo é cantado ou recitado pelo sacerdote juntamente com o povo (cf. n. 68), estando todos de pé. As palavras *E encarnou*, etc. (Et incarnatus est, etc.), todos se inclinam profundamente; porém, nas solenidades da Anunciação e do Natal do Senhor, genuflectem.

**138.** Terminado o Símbolo, o sacerdote, de pé junto da cadeira, de mãos juntas, convida os fiéis à oração universal com uma breve admonição. Então um diácono ou um cantor, ou um leitor ou outro, no ambão ou noutro lugar conveniente, voltado para o povo, propõe as intenções, a que o povo responde suplicante com a sua parte. Por fim o sacerdote, de braços abertos, conclui as preces com uma oração.

#### **Liturgia eucarística**

**139.** Terminada a oração universal, todos se sentam, e começa o cântico do ofertório (cf. n. 74), se há procissão dos dons.

**201.** Nos casos em que o número de sacerdotes se pode fazer-se mais que uma concelebração no mesmo dia, por necessidade ou a utilidade pastoral o aconselhem; mas em horas diferentes ou em lugares sagrados diversos[100].

**202.** Segundo as normas do direito, compete ao Bispo a disciplina da concelebração na sua diocese.

**203.** Deve ter-se em consideração especial a concelebração com os presbíteros da diocese com o seu Bispo, particularmente em ocasiões estacionais nas grandes solenidades do ano litúrgico, na ordenação do novo Bispo da diocese ou do seu coadjutor, na Missa crismal, na Missa vespertina da Ceia do Senhor, na celebração do Santo Fundador da Igreja local ou do Padroeiro da diocese, nos aniversários do Bispo e finalmente por ocasião do Sínodo diocesano e pastoral.

Pelo mesmo motivo, recomenda-se a concelebração com os presbíteros que os presbíteros se encontram reunidos com o seu Bispo, na ocasião de exercícios espirituais quer de outras reuniões, quer em ocasiões que mais se evidencia aquele sinal da unidade da Igreja, próprio de toda a concelebração[101].

**204.** Por motivos especiais, quer pelo significado da festa, é permitido celebrar ou concelebrar mais que uma Missa no dia, nos casos seguintes:

a) quem tiver celebrado ou concelebrado a Missa do dia e a Missa vespertina da Ceia do Senhor, pode celebrar ou concelebrar a Missa vespertina da Ceia do Senhor;

b) quem tiver celebrado ou concelebrado a Missa do dia e a Missa vespertina da Ceia do Senhor, pode celebrar ou concelebrar a Missa do dia de Páscoa;

c) no Natal do Senhor, todos os sacerdotes podem celebrar ou concelebrar três Missas, contanto que sejam nas horas canônicas;

d) no dia da Comemoração de todos os fiéis defuntos, as celebrações se façam nos diversos tempos e lugares, e as determinações acerca da aplicação da segunda e da terceira Missa;

e) quem concelebrar com o Bispo ou seu delegado, no Sínodo, da visita pastoral ou de reuniões sacerdotais.

**197.** Na ausência do diácono, o leitor pode proferir as intenções da oração universal, no ambão, depois da introdução feita pelo sacerdote.

**198.** Se não houver cântico de entrada nem da Comunhão e os fiéis não recitarem as antífonas que vêm no Missal, pode proferir, no momento próprio, estas antífonas (cf. nn. 48, 87).



## II. Missa concelebrada

**199.** A concelebração, pela qual se manifesta oportunamente a unidade do sacerdócio e do sacrifício, bem como a de todo o povo de Deus, está prescrita pelo próprio rito: na ordenação do Bispo e dos presbíteros, na bênção do abade e na Missa crismal.

Recomenda-se, além disso, a não ser que a utilidade dos fiéis exija ou aconselhe de outro modo:

a) na Missa vespertina, na Quinta-feira da Ceia do Senhor;

b) na Missa celebrada nos Concílios, nas reuniões dos Bispos e nos Sínodos;

c) na Missa conventual e na Missa principal celebrada nas igrejas e oratórios;

d) nas Missas celebradas por ocasião de reuniões de sacerdotes, tanto seculares como religiosos<sup>[99]</sup>.

No entanto, é lícito a cada sacerdote celebrar a Eucaristia de modo individual, mas não ao mesmo tempo em que, na mesma igreja ou oratório, se realiza uma concelebração. Contudo, na Quinta-feira da Ceia do Senhor e na Missa da Vigília pascal, não é permitido celebrar os ritos sagrados de modo individual.

**200.** Aceitem-se de bom grado a concelebrar a Eucaristia os presbíteros que estiverem de passagem, desde que se conheça a sua condição sacerdotal.

O acólito ou outro ministro leigo coloca sobre o altar o cálice, a pala e o missal.

**140.** Convém que a participação dos fiéis se manifeste na oferta do pão e do vinho destinados à celebração da Eucaristia e nos dons destinados às necessidades da Igreja e dos pobres.

As ofertas dos fiéis são recebidas pelo sacerdote ou pelo acólito ou de outro ministro. O pão e o vinho destinados a serem levados ao celebrante, que os depõe sobre o altar; os demais são colocados noutro lugar conveniente (cf. n. 73).

**141.** O sacerdote, junto do altar, recebe a patena sustentando-a, com ambas as mãos, um pouco elevada e em silêncio (segredo): *Bendito sejas, Senhor*. Em seguida coloca o pão sobre o corporal.

**142.** O sacerdote vai depois ao lado do altar, onde apresenta as galhetas, e deita no cálice o vinho e um pouco de água, dizendo em silêncio: Pelo mistério desta água e deste vinho, que eu ofereço ao altar, toma o cálice com ambas as mãos e, sustentando-o elevado sobre o altar, diz em voz baixa: *Bendito sejas, Senhor*. Em seguida, coloca o cálice sobre o corporal e, se parecer oportuno, coloca a pala.

Se não há cântico do ofertório ou não se toca o órgão, o sacerdote pode, na apresentação do pão e do vinho, dizer em voz alta a bênção, às quais o povo aclama: *Bendito seja Deus para sempre*.

**143.** Colocado o cálice no altar, o sacerdote inclina-se sobre o altar e diz em silêncio: *De coração humilhado e contrito* (In spiritu humilitatis).

**144.** A seguir, se se usa o incenso, o sacerdote incensa as oblatas, a cruz e o altar. Um ministro, de pé ao lado do sacerdote, incensa o sacerdote, e depois o povo.

**145.** Depois da oração: *De coração humilhado e contrito* (In spiritu humilitatis) ou depois da incensação, o sacerdote vai ao altar e lava as mãos, dizendo em silêncio: *Lavai-me, Senhor*, enquanto o acólito lhe serve a água.

**146.** O sacerdote vem ao meio do altar e, voltado para o altar, juntando as mãos, convida-o à oração, dizendo: *Orai, irmãos e irmãs...*— Em Portugal pode o sacerdote dizer apenas: *Orai*.

resposta do povo). O povo levanta-se e responde: *Receba o Senhor*. Depois o sacerdote, recita, de braços abertos, a oração sobre as oblatas. No fim o povo aclama: *Amen*.

**147.** Então o sacerdote começa a Oração eucarística. Segundo as rubricas, escolhe uma das que se encontram no Missal Romano, ou que a Santa Sé tenha aprovado. Por sua natureza, a Oração eucarística exige que seja só o sacerdote, em virtude da ordenação, a dizê-la. O povo, porém, associe-se ao sacerdote, na fé e em silêncio, e também com as intervenções previstas na Oração eucarística, isto é: as respostas ao diálogo do Prefácio, o Sanctus, a aclamação depois da consagração e a aclamação *Amen* depois da doxologia final, e ainda com outras aclamações aprovadas pela Conferência Episcopal e confirmadas pela Santa Sé.

É muito conveniente que o sacerdote cante as partes musicadas da Oração eucarística.

**148.** Ao começar a Oração eucarística, o sacerdote, abrindo os braços, canta ou diz: *O Senhor esteja convosco* (Dominus vobiscum), e o povo responde: *Ele está no meio de nós* (Et cum spiritu tuo). Em seguida continua, elevando as mãos: *Corações ao alto* (Sursum corda). O povo responde: *O nosso coração está em Deus* (Habemus ad Dominum). Então o sacerdote, de braços abertos, acrescenta: *Dêmos graças ao Senhor nosso Deus* (Gratias agamus Domino Deo nostro). E o povo responde: *É nosso dever, é nossa salvação* (Dignum et iustum est). Depois o sacerdote, de mãos estendidas, continua o Prefácio, no fim do qual junta as mãos e, juntamente com todos os presentes, canta ou recita em voz alta: *Santo...* (Sanctus) (cf. n. 79, b).

**149.** O sacerdote prossegue a Oração eucarística, segundo as rubricas apresentadas em cada uma das Orações.

Se o sacerdote celebrante é um Bispo, nas Orações, a seguir às palavras *em comunhão com o vosso servo o Papa N.* (Papa nostro N.), acrescenta: *e comigo, vosso indigno servo* (et me indigno servo tuo). Se o Bispo celebra fora da sua diocese, depois das palavras: *com o Papa N.* (Papa nostro N.), acrescenta: *e comigo, vosso indigno servo, e com o meu irmão N, bispo desta Igreja de N.* (et me indigno famulo tuo, et fratre meo N., episcopo huius Ecclesiae N.), ou depois das palavras: *o Papa N.* (Papae nostri N.) acrescenta: *e de mim, vosso indigno servo, e do meu irmão N., bispo desta Igreja de N.* (mei indigni famuli Tui, et fratris mei N.,

**190.** Na ausência do diácono, o acólito, depois da oração, enquanto o sacerdote permanece na sua cadeira, coloca o patenô, o corporal, o sanguinho, o cálice e o Missal. Seguidamente ajuda o sacerdote a receber os dons do povo e, em determinadas circunstâncias, leva para o altar o pão e o vinho e entrega-os. Se se usa incenso, apresenta ao sacerdote o turíbulo e realiza a incensação das oblatas, da cruz e do altar. Depois incensa o povo.

**191.** O acólito devidamente instituído, se for preciso, ajuda o sacerdote a distribuir a Comunhão ao povo, e, em caso extraordinário<sup>[98]</sup>. Se, na ausência do diácono, se dá a Comunhão em duas espécies, ele próprio ministra o cálice aos comungantes e o cálice quando a Comunhão é feita por intinção.

**192.** Do mesmo modo o acólito devidamente instituído ajuda na distribuição da Comunhão, ajuda o sacerdote ou o diácono a fazer o arranjo dos vasos sagrados. Na ausência do diácono, ajuda a trazer os vasos sagrados para a credência e aí os purifica, limpa e guarda habitualmente.

**193.** Terminada a celebração da Missa, o acólito e o sacerdote, juntamente com o diácono e o sacerdote, voltam para a sacristia, do mesmo modo e pela mesma ordem com que chegaram.

#### **D) Funções do Leitor**

##### **Ritos iniciais**

**194.** Na procissão de entrada, na ausência do diácono, o leitor, com a veste aprovada, pode levar o Evangeliário um pouco adiante; caso contrário, vai à frente do sacerdote; se não, vai junto com os outros.

**195.** Chegando ao altar, faz com os outros uma incensação. Se leva o Evangeliário, sobe ao altar e sobre ele depõe o livro. Depois ocupa o seu lugar no presbitério, junto com os outros.

##### **Liturgia da palavra**

**196.** Lê no ambão as leituras que precedem o Evangelho. Se o leitor do salmista, pode proferir o salmo responsorial, depois da

### **Ritos de conclusão**

**184.** Terminada a oração depois da Comunhão, o diácono faz ao povo eventuais breves avisos, a não ser que o sacerdote prefira fazê-los por si próprio.

**185.** Se se usa a fórmula de bênção solene ou a oração sobre o povo, o diácono diz: *Inclinai-vos para receber a bênção* (Inclinate vos ad benedictionem). Depois da bênção dada pelo sacerdote, o diácono despede o povo, dizendo, de mãos juntas, voltado para o povo: *Ide em paz e o Senhor vos acompanhe* (Ite, missa est).

**186.** Então, juntamente com o sacerdote, beija o altar em sinal de veneração e, feita a inclinação profunda, retira-se pela mesma ordem da entrada.

### **C) Funções do Acólito**

**187.** São de vários géneros as funções que o acólito pode exercer, podendo algumas delas ocorrer simultaneamente. Convém, por isso, que sejam oportunamente distribuídas por vários. Se, contudo, só estiver presente um acólito, este desempenhará a função mais importante, e as outras distribuem-se por vários ministros.

### **Ritos iniciais**

**188.** Na procissão de entrada, o acólito pode levar a cruz, ladeado por outros dois ministros com os círios acesos. Chegando ao altar, depõe a cruz junto dele, para se tornar a cruz do altar, ou então coloca-a num lugar digno. Em seguida, ocupa o seu lugar no presbitério.

**189.** Durante toda a celebração, sempre que seja necessário, o acólito aproxima-se do sacerdote ou do diácono, para lhes apresentar o livro e ajudá-los no que for preciso. Convém, portanto, que, na medida do possível, ocupe um lugar donde lhe seja fácil desempenhar o seu ministério, quer junto da cadeira presidencial quer junto do altar.

### **Liturgia eucarística**

episcopi huius Ecclesiae N.). [\* Na versão portuguesa p...  
variante com genitivo que é exclusiva do original la...  
eucarística IV]

O Bispo diocesano, ou aquele que pelo direito l...  
deve ser mencionado com esta fórmula: *em comunhão co...  
o Papa N., o nosso Bispo N.* (ou *Vigário, Prelado, Prefeito...  
cum famulo tuo N. et Episcopo* (vel *Vicario, Praelato, Pr...  
nostro N.*).

Também se podem mencionar os Bispos Coadju...  
Oração eucarística, mas não outros bispos eventual...  
Quando se tiver que nomear vários, usa-se uma fórmula...  
*Bispo N. e seus Bispos Auxiliares* (et *Episcopo nostro N. e...  
adiutoribus*).

Em cada uma das Orações eucarísticas estas...  
adaptar-se às regras gramaticais.

**150.** Um pouco antes da consagração, se parecer opo...  
pode chamar a atenção dos fiéis com um toque de camp...  
tocar-se também a cada elevação, segundo os costumes l...

Se se usa incenso, o ministro incensa a hóstia e o...  
mostrados ao povo depois da consagração.

**151.** A seguir à consagração, depois de o sacerdote diz...  
(*Mystérium fidei*), o povo aclama, utilizando uma das fórmu...

No fim da Oração eucarística, o sacerdote toma...  
hóstia e o cálice e, elevando-os ambos, diz sozinho a dox...  
(*Per ipsum*). No fim o povo aclama: *Amen*. A seguir o sa...  
patena e o cálice sobre o corporal.

**152.** Terminada a Oração eucarística, o sacerdote, de...  
a admoção que antecede a oração dominical; e a seguir...  
abertos, esta oração juntamente com o povo.

**153.** Terminada a oração dominical, o sacerdote, de br...  
sozinho o embolismo *Livrai-nos de todo o mal, Senhor* (l...  
fim o povo aclama: *Vosso é o reino* (Quia tuum est regnum...

**154.** Em seguida, o sacerdote, de braços abertos, o...  
oração *Senhor Jesus Cristo, que dissestes* (*Domine I...  
dixisti*); uma vez terminada, o sacerdote, abrindo e jur...

anuncia a paz, voltado para o povo, dizendo: *A paz do Senhor esteja sempre convosco* (Pax Domini sit semper vobiscum); e o povo responde: *O amor de Cristo nos uniu* (Et cum spiritu tuo). Logo a seguir, se parecer oportuno, acrescenta: *Saudai-vos na paz de Cristo* (Offerte vobis pacem).

O sacerdote pode dar a paz aos ministros, mas permanece sempre dentro do presbitério, a fim de não perturbar a celebração. Procede do mesmo modo se, por motivos razoáveis, quiser dar a paz a alguns poucos fiéis. E todos, segundo as determinações da Conferência Episcopal, se saúdam uns aos outros em sinal de mútua paz, comunhão e caridade. Enquanto se dá a paz, pode dizer-se: *A paz do Senhor esteja sempre contigo* (Pax Domini sit semper tecum), ao que se responde: *Amen*.

**155.** A seguir, o sacerdote toma a hóstia, parte-a sobre a patena e deita um fragmento no cálice, dizendo em silêncio: *Esta união* (Haec commixtio). Entretanto, o coro e o povo cantam ou recitam: *Cordeiro de Deus* (Agnus Dei) (cf. n. 83).

**156.** Então o sacerdote, de mãos juntas, diz em silêncio a oração antes da Comunhão: *Senhor Jesus Cristo, Filho de Deus vivo* (Domine Iesu Christe, Filii Dei vivi) ou *A comunhão do vosso Corpo e Sangue* (Perceptio Corporis et Sanguinis).

**157.** Terminada esta oração, o sacerdote genuflecte, toma a hóstia, levanta-a um pouco sobre a patena ou sobre o cálice e, voltado para o povo, diz: *Felizes os convidados* (Ecce Agnus Dei); e, juntamente com o povo, acrescenta uma só vez: *Senhor, eu não sou digno* (Domine, non sum dignus).

**158.** Depois, voltado para o altar, o sacerdote diz em silêncio: *O Corpo de Cristo me guarde para a vida eterna* (Corpus Christi custodiat me in vitam aeternam); e comunga com reverência o Corpo de Cristo. A seguir, toma o cálice, dizendo em silêncio: *O Sangue de Cristo me guarde para a vida eterna* (Sanguis Christi custodiat me in vitam aeternam); e comunga com reverência o Sangue de Cristo.

**159.** Enquanto o sacerdote recebe o Sacramento, começa-se o canto da Comunhão (cf. n. 86).

**160.** O sacerdote pega depois na patena ou na píxide e aproxima-se dos comungantes, que habitualmente se aproximam em procissão.

*Não é permitido que os próprios fiéis tomem, por si mesmos, o pão consagrado nem o cálice sagrado, e menos ainda que o passem entre si,*

aquae) e entrega o cálice ao sacerdote. Esta preparação pode ser feita na credência. Se se usa incenso, ministra ao sacerdote a incensação das oblatas, da cruz e do altar e, em seguida, o acólito incensa o sacerdote e o povo.

**179.** Durante a Oração eucarística, o diácono permanece ao lado do sacerdote, um pouco atrás, servindo-o, quando for preciso, durante o Missal.

Desde a epiclese até à ostensão do cálice, o diácono permanece habitualmente de joelhos. Se estiverem presentes vários ministros, deles pode impor incenso no turíbulo para a consagração da hóstia e o cálice durante a ostensão.

**180.** Durante a doxologia final da Oração eucarística, ao lado do sacerdote, eleva o cálice, enquanto o sacerdote comunga com a hóstia, até que o povo tenha respondido com a aclamação.

**181.** Quando o sacerdote tiver concluído a oração da paz, o diácono, voltado para o povo, diz em silêncio: *A paz do Senhor esteja sempre convosco* (Pax Domini sit semper vobiscum) com a resposta do povo *O amor de Cristo nos uniu* (Et cum spiritu tuo). O diácono, se for oportuno, de mãos juntas e voltado para o povo, faz o convite para a paz, dizendo: *Saudai-vos na paz de Cristo* (Offerte vobis pacem). Ele próprio recebe do sacerdote a paz e pode dar a paz a quem que estiverem mais perto de si.

**182.** Depois da Comunhão do sacerdote, o diácono ministra ao sacerdote a Comunhão sob as duas espécies e ajuda o sacerdote na distribuição da Comunhão ao povo. No caso de não se fazer sob as duas espécies, ele próprio ministra a Comunhão comungantes e, acabada a distribuição, consome imediatamente, com reverência, no altar, todo o Sangue de Cristo que sobrar, se necessário, por outros diáconos e presbíteros.

**183.** Terminada a Comunhão, o diácono regressa ao altar, recolhe os fragmentos que porventura houver, levanta os outros vasos sagrados para a credência, onde os purifica. Na forma habitual, enquanto o sacerdote regressa à cadeira, os vasos purificar podem também deixar-se na credência, se estiverem devidamente cobertos, sendo purificados imediatamente após a despedida do povo.



**175.** Enquanto se canta o Aleluia ou o outro cântico, assiste ao sacerdote na preparação do turíbulo, se se usar incenso; em seguida, inclinando-se profundamente diante do sacerdote, pede-lhe a bênção, dizendo em voz baixa: *A vossa bênção* (lube, domne, benedicere). O sacerdote abençoa-o, dizendo: *O Senhor esteja no teu coração*. (Dominus sit in corde tuo). O diácono benze-se com o sinal da cruz e responde: *Amen*. Em seguida, depois de fazer a inclinação ao altar, toma o Evangeliário, que louvavelmente está sobre ele, levando-o um pouco elevado, dirige-se para o ambão, precedido do turiferário com o turíbulo fumegante e dos ministros com círios acesos. No ambão saúda o povo, dizendo, de mão juntas: *O Senhor esteja convosco* (Dominus vobiscum); depois, às palavras *Leitura do santo Evangelho* (Lectio sancti Evangelii), faz com o polegar o sinal da cruz no livro e depois persigna-se a si próprio na fronte, na boca e no peito, incensa o livro e proclama o Evangelho. No fim aclama: *Palavra da salvação* (Verbum Domini), e todos respondem: *Glória a Vós, Senhor* (Laus tibi, Christe). Depois beija o livro em sinal de veneração, dizendo em silêncio: *Por este santo Evangelho* (Per evangélica dicta); e volta para junto do sacerdote.

Quando o diácono ministra ao Bispo, leva-lhe o livro para que ele o beije ou beija-o ele próprio, dizendo em silêncio: *Por este santo Evangelho* (Per evangélica dicta). Nas celebrações mais solenes o Bispo, se for oportuno, dá a bênção ao povo com o Evangeliário.

Por fim, o Evangeliário pode ser levado para a credência ou para outro lugar adequado e digno.

**176.** Se não estiver presente outro leitor idóneo, o diácono profere as outras leituras.

**177.** As intenções da oração dos fiéis, após a introdução do sacerdote, é o diácono quem as profere, habitualmente do ambão.

#### **Liturgia eucarística**

**178.** Terminada a oração universal, enquanto o sacerdote permanece sentado na cadeira, o diácono prepara o altar, auxiliado pelo acólito. A ele compete cuidar dos vasos sagrados. Assiste também o sacerdote na recepção dos dons do povo. Entrega depois ao sacerdote a patena com o pão que vai ser consagrado; deita no cálice o vinho e um pouco de água, dizendo em silêncio: *Pelo mistério desta água e deste vinho* (Per huius

*de mão em mão. Os fiéis comungam de joelhos ou de pé, determinação da Conferência Episcopal. Quando comungam, recomenda-se que, antes de receberem o Sacramento, façam reverência, estabelecida pelas mesmas normas.*

**161.** Se a Comunhão for distribuída unicamente sob a espécie do vinho, o sacerdote levanta um pouco a hóstia e, mostrando-a aos comungantes, diz: *O Corpo de Cristo* ou *Corpus Christi*. O comungante responde: *Amen*, e recebe o Sacramento na boca, ou, na mão, conforme preferir. O comungante recebe a hóstia imediatamente e na íntegra.

Quando a Comunhão se faz sob as duas espécies, o sacerdote descreve o modo descrito em seu lugar próprio (cf. nn. 284-287).

**162.** Na distribuição da Comunhão, o sacerdote pode chamar outros presbíteros eventualmente presentes. Se estes estiverem disponíveis e o número dos comungantes for demasiado, o sacerdote pode chamar em seu auxílio os ministros extra-sacramentais ou o acólito devidamente instituído ou também outros fiéis, devidamente nomeados para isso<sup>[96]</sup>. Em caso de necessidade, o sacerdote pode designar, só para essa ocasião, alguns fiéis.

Estes ministros não devem aproximar-se do altar antes que o sacerdote ter tomado a Comunhão; e recebem sem o consentimento do sacerdote celebrante o vaso com as espécies da Santíssima Eucaristia para distribuir aos fiéis.

**163.** Terminada a distribuição da Comunhão, o sacerdote consome imediatamente todo o vinho consagrado que sobrar; quanto às hóstias consagradas que sobrarem, o sacerdote as quebra no altar ou leva-as ao lugar destinado a guardar a Eucaristia.

O sacerdote, regressado ao altar, recolhe os vasos sagrados, se porventura houver. Depois vai ao lado do altar ou à credência e coloca a patena ou a píxide sobre o cálice; a seguir, purifica o cálice com água em silêncio: *O que em nossa boca recebemos* (Quod orationis et calicis). O ministro limpa o cálice com o sanguinho. Se os vasos são purificados, o ministro leva-os para a credência. Os vasos a purificar, se houver vários, também se podem deixar no altar ou na credência, se for corporal, devidamente cobertos, sendo purificados imediatamente após a Missa, após a despedida do povo.

**164.** Depois o sacerdote pode voltar para a cadeira. Entretanto, podem guardar-se uns momentos de silêncio sagrado, ou cantar ou recitar um salmo ou outro cântico de louvor ou um hino (cf. n. 88).

**165.** Depois o sacerdote, de pé junto do altar ou da cadeira, diz de mãos juntas, voltado para o povo: *Oremos* (Oremus); e, de braços abertos, recita a oração depois da Comunhão, a qual pode ser precedida de um breve momento de silêncio, a não ser que o tenha havido logo a seguir à Comunhão. No fim da oração o povo aclama: *Amen*.

#### Ritos de conclusão

**166.** Terminada a oração depois da Comunhão, se houver avisos a fazer, façam-se em forma breve.

**167.** A seguir, o sacerdote saúda o povo, abrindo os braços e dizendo: *O Senhor esteja convosco* (Dominus vobiscum), a que o povo responde: *Ele está no meio de nós* (Et cum spiritu tuo). O sacerdote, junta de novo as mãos, e, logo a seguir, com a mão esquerda no peito e elevando a mão direita, acrescenta: *Abençoe-vos Deus todo-poderoso* (Benedicat vos omnipotens Deus) e, fazendo o sinal da cruz sobre o povo, continua: *Pai e Filho e Espírito Santo* (Pater et Filius et Spiritus Sanctus); e todos respondem: *Amen*.

Em certos dias e em ocasiões especiais, esta fórmula de bênção é precedida, segundo as rubricas, de outra mais solene ou da oração sobre o povo.

O Bispo abençoa o povo com a fórmula apropriada, fazendo por três vezes o sinal da cruz sobre o povo.

**168.** Logo a seguir à bênção, o sacerdote, de mãos juntas, diz: *Ide em paz e o Senhor vos acompanhe* (Ite, missa est); e todos respondem: *Graças a Deus* (Deo gratias).

**169.** O sacerdote, habitualmente, beija então o altar em sinal de veneração, faz-lhe, com os ministros leigos, uma inclinação profunda, e retira-se com eles.

**170.** Se a Missa é seguida de outra acção litúrgica, omitem-se os ritos de conclusão, quer dizer, a saudação, a bênção e a despedida.

## **B) A Missa com Diácono**

**171.** Quando está presente na celebração eucarística, o diácono exerce o seu ministério revestido com as vestes sagradas próprias do próprio:

a) assiste ao sacerdote e está sempre a seu lado;

b) ao altar, ministra ao cálice e ao livro;

c) proclama o Evangelho e pode, por mandato do celebrante, fazer a homilia (cf. n. 66);

d) orienta o povo fiel com oportunas admonições e enuncia a oração universal;

e) ajuda o sacerdote celebrante a distribuir a Comunhão, e arruma os vasos sagrados;

f) ele próprio, segundo as necessidades, realiza os ofícios dos ministros, se nenhum deles estiver presente.

#### **Ritos iniciais**

**172.** O diácono, levando o Evangeliário um pouco elevado, precede o sacerdote a caminho do altar; caso contrário, vai ao lado dele.

**173.** Ao chegar ao altar, se levar o Evangeliário, omite o Evangelho aproximando-se do altar. A seguir, depõe o Evangeliário sobre o altar juntamente com o sacerdote, venera o altar com um beijo.

Se não levar o Evangeliário, faz uma inclinação profunda ao altar juntamente com o sacerdote, do modo habitual, e venera o altar com um beijo juntamente com ele.

Por fim, se se usa o incenso, assiste o sacerdote a incensar o incenso e na incensação da cruz e do altar.

**174.** Incensado o altar, vai para a cadeira juntamente com o sacerdote, ficando aí de pé ao lado dele, servindo-o no que for preciso.

#### **Liturgia da palavra**